FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

FAAP PÓS-GRADUAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM JORNALISMO CULTURAL

Nathalia Cristinne Braga de Abreu

DIABOS MUTANTES:
uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo

São Paulo
2013

Nathalia Cristinne Braga de Abreu

DIABOS MUTANTES:
uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo

Monografia apresentada à Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP, como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Jornalismo Cultural.

Coordenadora do curso: Profa. Edilamar Galvão

Orientadora: Profa. Tatiana Amendola Sanches

Coorientador: Prof. Camilo D'Angelo Braz

São Paulo
2013

Abreu, N.C.B.

Diabos mutantes: uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo / Nathalia Cristinne Braga de Abreu. São Paulo, 2013. 80 p. Monografia (pós-graduação). Fundação Armando Alvares Penteado. FAAP Pós-Graduação.

Orientadores: Tatiana Amendola Sanches e Camilo D'Angelo Braz

1. Jornalismo cultural. 2. Modificação corporal. 3. Suspensão corporal. 4. Ritual. 5. Diabos Mutantes.

Nathalia Cristinne Braga de Abreu

DIABOS MUTANTES:
uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo

Monografia apresentada à Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP, como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Jornalismo Cultural.

[ ] Recomendamos exposição na Biblioteca

[ ] Não recomendamos exposição na Biblioteca

Nota: _____

São Paulo, _____ de _____de _____.

_____
Prof.(a)

_____
Prof.(a)

_____
Prof.(a)

Este trabalho é totalmente dedicado aos meus pais (Ailton e Marlene), que sempre acreditaram em mim, independentemente de gosto, diferenças ou opiniões. Para eles, toda a minha luta, esforço e amor.

AGRADECIMENTOS

À equipe de suspensão corporal Diabos Mutantes, em primeiro lugar, por abrir as portas com tanto carinho e proporcionar, mais uma vez, toda a proximidade necessária em suas incríveis experiências, o que foi essencial para a realização deste trabalho.

A minha orientadora, Profa. Me. Tatiana Amendola Sanches, por todo o apoio e preocupação durante o projeto. Também ao Prof. Me. Camilo D'Angelo Braz, pelo auxílio e colaboração.

Ao Nicolas Rodrigues, que esteve presente em todas as etapas da pesquisa.

À amiga e parceira de pesquisa Priscila Soares, que sempre acreditou no meu sucesso.

Às queridas amigas Beatriz Della Torre Bonilha, Aline Bepu e Nathalia Soares que, apesar da ausência, sempre estiveram ao meu lado, e a Paola Corassini, por todo o apoio nos últimos meses.

Às colegas da pós Maria Cláudia Fruteiro, Giuliana Latorre, Gabriela Guimarães, Luana Ribeiro e Iveilyze Oliveira, por todo o incentivo.

Vocês já nos conhecem
De seus filmes B
Fingem que não existimos
Tentam nos esconder
Não querem acreditar
Estamos no meio de vocês!

Diabos Mutantes – Zumbis do Espaço
Abominável Mundo Monstro (2000)

RESUMO

Abreu, Nathalia Cristinne Braga de. **Diabos Mutantes:** uma análise do ritual urbano de suspensão corporal em São Paulo. São Paulo, 2013. 80 p. Monografia (Pós-graduação). Fundação Armando Alvares Penteado. FAAP Pós-Graduação.

Este trabalho tem como objetivo analisar tanto as funções mantidas quanto abandonadas no que diz respeito às características dos rituais tradicionais de suspensão corporal humana dentro do grupo Diabos Mutantes (criado na zona leste da capital paulista em 2005, por Angelo Martinez e Jimi Rocha). O tema foi exposto historicamente em detalhes e conceituado com base em motivações do grupo. A exposição do conceito de ritual também foi essencial para a pesquisa. Adicionalmente, foi traçado um perfil jornalístico dos Diabos Mutantes, complementando as referências bibliográficas. Durante a dissertação, foi necessário realizar um breve trabalho de campo, visitando e assistindo às experiências da equipe. Por fim, foi possível analisar a suspensão corporal com base nos estudos de Victor Turner (1974). Como resultado, foram encontradas algumas instâncias que evidenciam os aspectos essenciais para o acontecimento de um rito, segundo o teórico, tais quais os conceitos de liminaridade e *communitas*.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. Modificação corporal. Suspensão corporal. Ritual. Diabos Mutantes.

ABSTRACT

Abreu, Nathalia Cristinne Braga de. **Diabos Mutantes:** an analyze of the urban ritual of body suspension in São Paulo. São Paulo, 2013. 80 p. Monograph (Post-graduation). Fundação Armando Alvares Penteado. FAAP Pós-Graduação.

This work intends to analyze both the kept functions as the abandoned with respect to the characteristics of the traditional rituals of human body suspended, within Diabos Mutantes group (created on east site of São Paulo - capital - in 2005, by Angelo Martinez and Jimi Rocha. The theme has been exposed historically in details and conceptualized based in the group motivations. The exposure of the concept of the ritual was also essential for the research. Additionally, it has been made a tracing of journalistic profile about the Diabos Mutantes group, complementing the bibliography references. During the dissertation, it was necessary to make a soon field job, visiting and watching the group experiences. Lastly, it was possible to analyze the body suspension based on studies of Victor Turner (1974). As a result, some instances that highlight the essential aspects for the event of a rite were found, according to the theory, such as liminality and *communitas* concepts.

Key-words: Cultural Journalism. Body modification. Body suspension. Ritual. Diabos Mutantes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Iniciados suspensos durante o ritual na “cabana do *okipa*”.....20
Figura 2 – Pátio da Aldeia, durante a cerimônia Mandan.....21
Figura 3 – Dança do Sol, dos índios Sioux 23
Figura 4 – Sadhus indianos.....24
Figura 5 – Suspensão realizada no Kataragama Festival 26
Figura 6 – Fakir Musafar em 1959 28
Figura 7 – Fakir Musafar (data desconhecida).....30
Figura 8 – Primeira tentativa de reproduzir o ritual de suspensão, por Fakir Musafar 31
Figura 9 – Allen Falkner e Fakir Musafar em 2006, no evento intitulado “San Francisco Fetish Ball” 32
Figura 10 – Sterlac em 2012, durante a realização de uma performance. 33
Figura 11 – Lista de possíveis variações de posições para suspensões. 34
Figura 12 – Desenho criado para identificar o grupo Diabos Mutantes. 38
Figura 13 – Na foto, Angelo Martinez (conhecido como *Freakboy* ou Du), líder do Diabos Mutantes.....39
Figura 14 – Primeira suspensão corporal de *Freakboy*: um *suicide* (de acordo com relato) 40
Figura 15 – *Spinning beam* pelos joelhos (com três pessoas ao mesmo tempo) descrito por Angelo. 42
Figura 16 – Primeiro totem realizado pelos Diabos Mutantes em São Paulo (SP)....43
Figura 17 – Primeiro totem realizado pelos Diabos Mutantes em São Paulo (SP)....43
Figura 18 – Nathalia Soares durante a realização de uma suspensão chamada *resurrection*. 44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1 ORIGEM DA SUSPENSÃO CORPORAL **14**

1.1 A origem da prática 18

1.1.1 O povo Mandan 18

1.1.2 Os índios Sioux 22

1.1.3 Os indianos Sadhus 24

2 SUSPENSÃO CORPORAL HOJE **27**

2.1 Fakir Musafar: o marco da transição de duas épocas 29

2.2 “Nós somos Diabos Mutantes... suspendendo humanos!” 36

2.2.1 Os detalhes de um procedimento 46

3 RITUAL E SOCIEDADE **50**

3.1 Definindo rituais e ritos de passagem 50

3.2 Os rituais e o estudo da modernidade 52

3.3 Os rituais e a antropologia da performance 54

3.4 Conceitos de liminaridade e *communitas* segundo Turner 57

3.5 Diabos Mutantes: rituais urbanos hoje 59

CONSIDERAÇÕES FINAIS **64**

REFERÊNCIAS **66**

ANEXO A – ENTREVISTAS **69**

INTRODUÇÃO

A suspensão humana, prática antiga de elevar o corpo – por meio de objetos pontiagudos atravessados na pele e cordas – é um ritual praticado há séculos, inventado por sociedades pré-letradas e resgatado na atualidade com novas motivações e propósitos. Em meio há outros movimentos culturais e sociais, aproximadamente entre 1960 e 1980, grande parte dessas técnicas de manipulação corporal das comunidades antigas começa, aos poucos, a reaparecer na sociedade ocidental.

Por influência de nomes como Fakir Musafar, criador da expressão *modern primitives* (primitivos modernos)[1] e um dos primeiros homens a reapresentar os rituais de suspensão corporal no Ocidente, e Doug Malloy (pseudônimo) um milionário norte-americano que investiu na divulgação e pesquisa do tema, foi desenvolvida a maioria das práticas chamadas de *body modification* (modificação corporal) e *body play* (jogos com o corpo) realizadas atualmente.

A partir da década de 1990, algumas equipes especializadas e indivíduos interessados nas técnicas em questão vêm desafiando cada vez mais o senso comum, trabalhando com diferentes performances em público. No Brasil, um exemplo disto foi o espaço utilizado nos palcos da Virada Cultural de São Paulo por três anos seguidos para apresentações de suspensão.

Praticada em sua maioria por pessoas que possuem alterações estéticas um pouco mais extremas, como pequenas esferas implantadas sob a pele, escarificações realizadas com bisturi formando desenhos, tatuagens no globo ocular, e alargamentos extremos que vão desde lóbulos das orelhas até genitais, o ritual é parte de um conjunto de técnicas corporais diferentes das mudanças mais aceitas na sociedade do século XXI, como é o caso das cirurgias plásticas e do culto aos corpos malhados.

---

[1] Uma definição para os integrantes de um grupo de indivíduos que mesmo fazendo parte do coletivo vivem em função de experimentos para modificar o próprio corpo.

Entretanto, a suspensão corporal não consiste em mudanças permanentes, mas sim no estímulo de sensações por meio de um procedimento de perfurações temporárias. Trata-se de uma das categorias que Fakir Musafar chamou de “jogos corporais”, nas quais também estão definidas as modificações.

Ponderando-se sobre este contexto, é no mínimo intrigante pensar quais são as motivações dos praticantes hoje e o que as diferem dos rituais originais. Em tempos de desafios e grande atenção em diversas modalidades – convencionais ou inusitadas – de esporte ou arte, as atividades relacionadas à comunidade da modificação corporal têm assumido importância, e oferecem um campo de abordagem promissor, sobretudo para as práticas artísticas contemporâneas, manifestadas na linguagem do corpo.

Para compreender melhor esse cenário e esclarecer os pontos de relação e as diferenças das sociedades que os originaram, este trabalho apresenta a equipe de suspensão corporal *Diabos Mutantes*, formada na zona leste da capital paulista. Em atividade desde 2005, o grupo desenvolveu-se além de técnicas mais rebuscadas e variações mais ousadas (comparadas às sociedades tribais), adaptando uma nova forma de ritual à cultura que pertencem.

Com base neste cenário, busca-se responder aqui à seguinte questão central: as práticas atuais de suspensão corporal – especificamente do grupo *Diabos Mutantes* – mesmo com todas as mudanças a partir das tradições, podem ser vistas como rituais quando revisitadas?

Como hipótese principal, define-se que a partir dos conceitos de Victor Turner (1974), a suspensão é um ritual dentro de algumas instâncias, sendo elas: liminaridade, *comunittas*, a demonstração de capacidade dentro do grupo, além da necessidade que cada seção verta sangue e deixe marcas no praticante em questão.

O objetivo central deste trabalho é entender tanto as funções mantidas quanto as abandonadas no que diz respeito às características dos rituais originais. Para isto, foi necessário analisar e comparar os aspectos históricos e contextuais da suspensão corporal e dos rituais dentro do grupo *Diabos Mutantes,* como objetivos específicos.

No tocante à metodologia, os dados foram coletados em fontes secundárias, impressas e *on-line*. Fundamentando-se teoricamente nas obras de Victor Turner (1974) para descrever o ritual e os elementos que fazem parte de um ritual, e Anthony Giddens (1994, 1997 e 2012), para descrever o período atual, entre outras de grande valor para descrever e explicar a técnica da suspensão corporal em si, o surgimento da técnica dentro das sociedades originárias, como eram as tradições e como se deu o resgate nos séculos XX e XXI. Também foram utilizadas fontes primárias, por meio de entrevista, a fim de traçar um perfil jornalístico da equipe de suspensão corporal *Diabos Mutantes,* complementando as pesquisas bibliográficas e conferindo uma base sólida para a argumentação.

Este trabalho foi construído em três capítulos. Toda a contextualização da suspensão corporal, desde seus primeiros registros, entre os povos Mandan, índios Sioux e os indianos Sadhus está descrita no capítulo 1.

O capítulo 2 foca-se na fase atual da suspensão corporal e apresenta o Fakir Musafar e o grupo Diabos Mutantes.

No capítulo 3 são apresentadas algumas teorias sobre ritual e sociedade, tais como a definição dos rituais e ritos de passagem, os rituais e o estudo da modernidade e também em relação à antropologia da performance e retoma a questão dos rituais urbanos de suspensão praticados pelo grupo Diabos Mutantes.

Por fim, a conclusão, que traz a resposta à questão central deste trabalho, validando ou não as hipóteses de modo a cumprir os objetivos traçados para o seu desenvolvimento.

1 ORIGEM DA SUSPENSÃO CORPORAL

Marcar os pontos na pele, preparar o material, inserir alguns ganchos pontiagudos por meio de perfurações e, finalmente, suspender o indivíduo do chão por cordas[2]: esses passos rapidamente descrevem um procedimento de suspensão humana, prática muito disseminada na comunidade da modificação corporal brasileira a partir de 1990. Quando expostos assim, com frieza e rapidez, não descrevem a intensidade e a complexidade de uma situação como esta. Na verdade, uma suspensão é cheia de detalhes, que vão desde a realização até as motivações.

Para trabalhar este tema e desenvolver claramente um paralelo com a questão dos rituais, é necessário que o leitor entenda primeiro o que é, quais são os tipos, e quais são os primeiros registros de suspensão corporal em sociedades anteriores à atual.

Fakir Musafar, criador do termo *modern primitives* (primitivos modernos)[3], responsável pelo resgate da suspensão corporal a partir da década de 1960, e diretor da *Fakir Body Piercing & Branding Intensive* – única escola licenciada no mundo para ministrar cursos de transformações corporais (VALE; JOWO, 1994 apud PIRES, 2005), define que todas as manipulações da chamada comunidade *body mod* (abreviação de *body modification*, ou em português, modificação corporal) se inserem no que chamou de "jogos corporais". Esses jogos se dividem em sete categorias, sendo a suspensão a última delas:

> [...] 1) Jogos de contorção: modificar a forma e o crescimento dos ossos; distender. Compreende atividades de ginástica, contorcionismo, exercícios de ioga, práticas dos *sadhus* hindus, alargamento dos furos feitos no corpo, alongamento de partes do corpo, uso de ventosas, salto alto, ligaduras nos pés etc.
>
> 2) Jogos de constrição: comprimir. Utilizam amarras, ataduras, cinturões que diminuem a cintura, espartilhos, vestimentas estreitas feitas em borracha, cordas etc.

---

[2] Os detalhes do procedimento atualmente são abordados no capítulo 2, com base em experiências presenciais, durante participações em reuniões da equipe de suspensão corporal paulistana *Diabos Mutantes.*

[3] A importância de Fakir para o cenário da suspensão corporal, bem como do termo *modern primitives* tem um espaço exclusivo de discussão no capítulo 3.

> 3) Jogos de privações: enclausurar, congelar. Incluem prática de jejuns, privação do sono, limitações do movimento. Podem se utilizar de caixões para isolamento sensório, gaiolas, capuzes, sacos etc.
>
> 4) Jogos de Impedimento: adereços de ferro. Compreendem o uso de pesadas pulseiras, cavilhas, enfeites para o pescoço, sapatos, correntes etc.
>
> 5) Jogos com fogo: queimar. Utilizam bronzeamento exagerado, corrente elétrica aplicada de forma contínua ou através de choques, vapor e calor, marcas feitas a ferro ou por queimaduras etc.
>
> 6) Jogos de penetrações: invadir. Compreendem flagelações, perfurações, tatuagens, o ato de picar-se, espetar-se, deitar sobre cama de pregos ou espadas, injetar-se, agentes químicos etc.
>
> 7) Jogos de suspensão: pendurar. A suspensão, por meio de ganchos de açougueiro, pode ser feita em cruz, pelos pulsos, coxas, peitos, tornozelos, associada a constrições ou múltiplos furos pelo corpo etc. (MUSAFAR apud VALE; JUNO, 1994 apud PIRES, 2005, p. 24).

Lírio (2010) encontrou grande parte do suporte para sua tese no site Body Modification Ezine (BMEzine)[4], o mais completo e popular dispositivo eletrônico relacionado à chamada “cultura mod”, desde a sua criação. Fundado em 1994 pelo canadense Shannon Larrat (1973-2013), o portal reúne entrevistas, reportagens, explicações e esclarecimentos técnicos sobre modificações corporais.

O BMEzine é utilizado e acessado por interessados pelo tema em todo o mundo, não só em caráter informativo, mas também como uma espécie de rede social para compartilhamento de imagens e experiências. Seu criador é uma das figuras mais respeitadas na história da modificação corporal, justamente por desenvolver e contribuir para a disseminação da informação sobre o tema, até então pouco trabalhado. Para descrever a suspensão corporal, Lírio se apoia na definição de Larrat:

> Larrat define suspensão corporal como o ato de ‘pendurar o corpo humano por ganchos fincados (*pierced*) através da carne (*flesh*) em vários lugares pelo corpo’[5]. Notemos que nessa definição o objeto da suspensão não é a pessoa, mas o ‘corpo humano’, com sentido propriamente biológico, mas os ganchos perfuram a carne, em sentido do transcendente ao biológico. O perfil dos interessados varia muito, mas, em princípio, qualquer um poderia se suspender. Normalmente os praticantes têm entre 18 e 25 anos e já possuem modificações corporais em um grau mais extremo. (LÍRIO, 2010, p. 47-48).

---

[4] Disponível em: <http://www.bme.com/>. Acesso em: 9 set. 2013.

[5] Nas seções a seguir, é possível compreender melhor as primeiras suspensões corporais praticadas; já no capítulo 2, serão apresentados especialmente os tipos de suspensão mais comuns.

Para explicar melhor a história da suspensão corporal, é necessário situar a que universo ela pertence hoje. Segundo Pires (2005), há uma distinção entre dois grupos que se ocupam da modificação corporal atualmente. O primeiro é formado por indivíduos que buscam se aproximar ao máximo da beleza determinada pela sociedade da época em que vivem. Atualmente, essas pessoas se utilizam de práticas como cirurgias plásticas, dietas e musculação. O segundo, que se enquadra nesta pesquisa, utiliza-se de elementos e formas que não "possuem correlato com os pertencentes ao corpo humano", vinculados às práticas de *piercings,* escarificações e tatuagens, feitas de forma crescente e contínua. (PIRES, 2005, p. 19).

Kemp (2005) também trabalha com uma ideia parecida com duas subdivisões para descrever quem são os indivíduos que praticam a suspensão corporal no século XXI. Em sua dissertação, ela se baseia principalmente em duas delas, que chama de "fenômenos sociais". De acordo com a teórica, a primeira é associada ao mercado de beleza chamado *mainstream, que* se articula em torno da busca da beleza e da saúde (recursos encontrados em clínicas de estética e todo o mercado organizado por meio da indústria média, farmacêutica e cosmética etc.); e a segunda está relacionada a propostas menos comerciais e mais "alternativas", como tatuagens, *piercings* e implantes.

> Segundo Vittoria Pitts, socióloga do *Queens College of the City University of New York*, o 'Movimento de Modificações Corporais' teria originalmente surgido em meados da década de 80, nas subculturas de gays e lésbicas de São Francisco (Califórnia). Em meados dos anos 90, membros de um movimento 'neotribal', ou os 'primitivos modernos', começaram a utilizar as escarificações. De acordo com essa entrevista de Vittoria Pitts ao National *Geographic Channel*, em 28 de julho de 2004, e publicada na *World Wide Web*, 'esse movimento estava interessado em reviver ou reatualizar rituais corporais indígenas ao redor do mundo todo, tentando entrar em contato com uma experiência espiritual mais autêntica do corpo'. (KEMP, 2005, p. 9-10).

A suspensão corporal, apesar de praticada em sua maioria por pessoas que possuem alterações estéticas um pouco mais extremas, como levantado por Lírio (2010) – diferentes das mais aceitas na sociedade do século XXI, como abordado por Pires (2005) e Kemp (2005) – não consiste em mudanças corporais permanentes, mas sim no estímulo de sensações por meio de um procedimento invasivo de perfurações temporárias, com agulhas relativamente grossas (cerca de 4 mm de circunferência).

Muito além da técnica propriamente dita, estão as motivações, as inquietações, as dúvidas, a história, o ritual. Essas questões envolvem inúmeros fatores que variam de simples prazer e realização pessoal até rituais de passagem em determinadas culturas e grupos atuais, como afirma Lírio (2010), com base nos testemunhos recolhidos em diversos relatos. Segundo ele, uma pessoa se suspende para:

> 1. Descobrir um sentido mais profundo de si.
> 2. Desafiar um sistema de crenças.
> 3. Atingir uma iluminação espiritual e transcendência.
> 4. Realizar um rito de passagem.
> 5. Obter uma sensação de liberdade.
> 6. Obter prazer com as sensações estéticas e estésicas.
> 7. Fazer amigos, uma nova família.
> 8. Sentir a ‘onda’ (rush) de adrenalina e endorfina.
> 9. Sentir medo e ter a possibilidade de dominá-lo.
> 10. Ganhar controle sobre o corpo.
> 11. Transcender o corpo, ser mais do que o corpo.
> 12. Explorar o desconhecido.
> 13. Provar ser capaz, para si e para os outros.
> 14. Ganhar dinheiro e fama, com performances em freak shows ou rituais performáticos. (LÍRIO, 2010, p. 51-52).

Se um leigo, que nunca tenha escutado falar em suspensão corporal, assistir a um procedimento pela primeira vez, sua primeira pergunta talvez fosse “por quê?”. É claro que questionamentos são comuns para qualquer ser humano que não esteja familiarizado com um assunto, principalmente no caso de um tema polêmico como esse.

Dentro das motivações enumeradas por Lírio (2010), a principal teoria abordada neste trabalho é o processo ritual, citado em seu estudo como uma das possíveis formas de praticar a suspensão corporal atualmente. Como explica Kemp (2005, p. 70), as suspensões corporais são um exemplo de apropriação dos costumes rituais das culturas tradicionais pelo “Movimento de Modificações corporais”.

De acordo com Klesse (apud BRAZ, 2006), o ato “individual” de receber uma tatuagem ou um *piercing*, por exemplo, também tem o sentido de “criação de coletividade”:

> Uma das características mais significativas do movimento dos Primitivos Modernos é sua apropriação dos 'rituais primitivos'. Em sua busca por experiências corporais, psíquicas e espirituais radicais e em suas performances de eventos e encontros sexuais, os Primitivos Modernos buscam inspiração nas chamadas 'sociedades primitivas' por meio da adoção de seus ritos comunais e técnicas de modificação corporal. (KLESSE apud BRAZ, 2006, p. 109).

Partindo desse ponto, como era a suspensão corporal antes e quais as diferenças após seu resgate? Pode-se dizer que as suspensões no século XXI têm relação e/ou são desenvolvidas como um ritual? Na sequência deste capítulo, a aborda-se a história das sociedades que deram origem à suspensão corporal. Desta forma, finalmente, é possível chegar ao ponto de transição por volta de 1960. (BRAZ, 2006).

1.1 A origem da prática

Milenar, a suspensão começou a ser realizada em épocas diferentes por diversos motivos. A origem da prática, hoje ligada à modificação corporal, vem de sociedades pré-letradas, envolvendo limites físicos, tanto pela experiência espiritual quanto pelo aprendizado proporcionado ao praticante.

Há três principais antecedentes da suspensão corporal que se tem registro hoje: a tribo *Mandan*, que habitava o vale do Rio Missouri (localizado no Estado do Missouri, Estados Unidos), a tribo dos *Sioux*, que habitava as regiões de Dakota do Norte e Dakota do Sul, e os indianos *Sadhus*, homens hindus considerados "santos", como explica Lírio (2010, p. 18-19):

> Alguns antecedentes da prática hoje conhecida como suspensão corporal podem ser encontrados entre os Sadhus, na Índia, e entre as tribos Sioux e Mandans, nos Estados Unidos. Uma cerimônia típica dos Mandans é a dança do sol (sundance). Na versão descrita por Musafar na revista RE/ Search (1989), ganchos ou garras de águias eram prendidos por corda a uma árvore sagrada para serem cravados na pele de um índio, que juraria dançar até conseguir que os ganchos extirpassem sua pele, ficando, então, livre.

1.1.1 O povo Mandan

Como mencionado, a tribo Mandan habitava o vale do Rio Missouri. O auge da sociedade Mandan aconteceu entre 1738 e 1782, quando uma série de epidemias de varíola somadas aos ataques violentos dos índios Sioux (que

coincidentemente também praticavam a suspensão corporal, como abordado mais à frente), acabaram por debilitá-la, extinguindo a tribo por volta de 1860.

Embora sua existência fosse precária (com aldeias fixas formadas por grandes cabanas de barro), os Mandans eram prósperos produtores e comerciantes "trocando o milho excedente e as roupas de pele, artisticamente curtidas e ornamentadas, por carne e peles trazidas pelos nômades que vinham a pé do extremo sul e do oeste." (HOEBEL; FROST, 2006, p. 354).

Em quase mil anos de existência, essa sociedade desenvolveu formas próprias de sobrevivência e de estruturação social, que se baseavam em "famílias matrilocais, clãs matrilineares e numa organização dual de uma metade tribal do Céu e da Terra, simbolizando a natureza dupla da base de subsistência da qual dependia a sua sobrevivência." (HOEBEL; FROST, 2006, p. 354).

Um de seus principais rituais era chamado de *Okipa* ou *O-Kee-Pa*[6]. O "Drama da Paixão" (um dos dramas rituais) era encenado a cada verão em todas as aldeias. O produtor de cada representação, também conhecido como o "Produtor da *Okipa*", era um homem de origem rica, que possuía grande quantidade de comida e artigos finos para serem distribuídos de acordo com o rito.

No começo do primeiro dia desse ritual, os chefes e os sacerdotes com poderes medicinais eram chamados para uma cabana, onde seria realizada a cerimônia. Ao nascer do sol, o "Homem Solitário" se aproximava do lado sul, indo ao encontro da fraternidade nomeada "Boca Negra", na entrada da aldeia. Na língua arcaica, ele repetia todos os mitos de sua vida, quando ainda vivia como um Mandan. Durante todo o dia, então, ele caminhava pela aldeia coletando facas de ossos com as quais a pele dos iniciados seria transpassada e as juntas dos dedos seriam cortadas.

---

[6] Atualmente também é realizada a suspensão vertical pelo peito, constantemente chamada de "*O-Kee-Pa"* pelos praticantes; entretanto, dentro da própria comunidade da modificação, há um consenso de que essa denominação não é correta, justamente por não trazer todos os elementos do ritual tradicional.

As mulheres, crianças e cachorros ficavam trancados nas cabanas, já que não podiam participar do ritual, que era uma ocasião dos homens (representando a figura do pai).

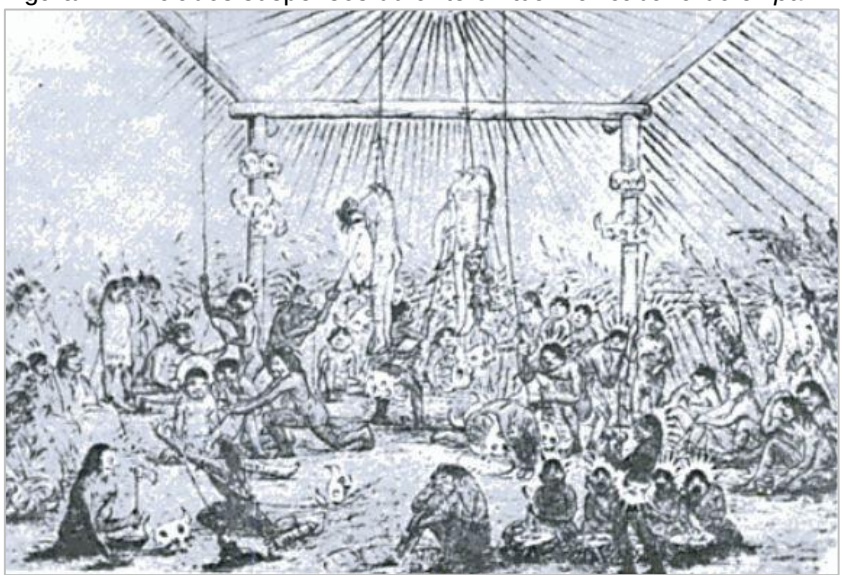
Com o chegar da noite, o “Homem Solitário” ia para a cabana, onde se preparava para o processo: os presentes ficavam em jejum, enquanto o homem comia carne de búfalo. Após a refeição, iniciava-se a “Dança do Animal” e o “Homem Solitário” se retirava, retornando para a sua casa no sul, passando antes o seu cachimbo para o “Produtor *Okipa*” e transferindo a ele o seu poder.

No segundo dia, o “Produtor *Okipa*” tomava a posição central do ritual e durante toda a manhã:

> [...] Os personificadores do animal e os sacrificadores eram pintados. Cada um era preparado primeiramente por um ancião que prendia bem justo, com tendões, o prepúcio sobre a cabeça do órgão sexual de cada iniciado. Depois enchiam toda a área genital com pasta de argila. Os personificadores eram então meticulosamente pintados com desenhos simbólicos em todo o corpo. (HOEBEL; FROST, 2006, p. 360).

Na cabana, os iniciados eram preparados pelo homem do clã que escolheram para realizar a operação. Assim, com uma faca de serra, o pai do clã fazia quatro buracos nas regiões da omoplata e do tórax e os perfuravam com dois espetos de madeira no tórax, por onde os iniciados seriam suspensos (Figura 1).

Figura 1 – Iniciados suspensos durante o ritual na “cabana do *okipa*”



Fonte: Hoebel e Frost (2006).

Enquanto isso, na aldeia, acontecia uma espécie de encenação: um personagem chamado de “Mau”, que possuía o corpo pintado de preto com círculos brancos, avançava em direção às mulheres, com a intenção de assustá-las (Figura 2). O “Produtor da *Okipa*” deixava, então, a estaca do “Homem Solitário” e avançava sobre ele, esfregando um cachimbo em seu rosto, paralisando-o.

Após a encenação do Louco, no quinto dia, inicia o “Estado Intermediário”, quando dois dos iniciados pintados e prontos eram levados para debaixo do orifício de fumaça no teto da cabana *okipa*, como coloca Hoebel e Frost (2006, p. 362):

> Um escudo de guerra e quatro crânios de búfalo eram amarrados aos espetos enfiados na pele de cada um. Por meio das cordas de couro cru atadas aos espetos do tórax ou das costas, cada homem era suspenso um metro e pouco acima do solo – ficando entre o céu e a terra, enquanto seu corpo era girado com toda velocidade até que ele desmaiava. Os espectadores gritavam: ‘Mortos! Mortos!’. Baixados até o solo, os dois iniciados jaziam sem vida. Ao recobrarem a consciência, cada um se dirigia a um crânio de búfalo para oferecer o seu dedo mínimo em agradecimento. Os outros seguiam o mesmo processo. Depois disso, em grupos de seis, os iniciados, reavivados, saíam para correr em volta da estaca do Homem Solitário até que os crânios de búfalo espetados nas suas pernas, e arrastando no chão, se soltavam. Então, e somente então, eles podiam dirigir-se sozinhos para suas casas.

Figura 2 – Pátio da Aldeia, durante a cerimônia Mandan

Fonte: Hoebel e Frost (2006).

Nesse rito, a suspensão entre o céu e a terra tinha um papel fundamental, funcionando como a última prova de dignidade e autoestima. Dessa forma, o ritual possuía uma significação ambígua: para o realizador da suspensão, era uma forma de reforçar o seu poder, mostrando que consegue atingir todas as suas metas; para a plateia e os sacerdotes, o sadismo significa “eu triunfo”. Somente por meio desta morte simbólica, o sofrimento do iniciado terminava e a vida se tornava, então, suportável, estando agora pronto para se reconstituir como um homem maduro, podendo casar e manipular os poderes que adquirir.

1.1.2 Os índios Sioux

Os índios Sioux se encontravam na atual região do Nordeste dos Estados Unidos, entre as pradarias e os rios do Missouri e do Mississipi. A civilização Sioux é bastante diversificada e atualmente se subdivide em três principais grupos: Tétons, Yaktons e Santees.

Quando surgiram, por volta de 1880, suas principais atividades giravam em torno da agricultura, em especial a plantação de milho. Além disso, destacavam-se as atividades de caça a animais de grande porte, como búfalos e bisões. A carne era dividida entre todos os participantes da caça (que geralmente englobavam grande parte das aldeias) e os ossos eram utilizados nos artesanatos e para a fabricação de armas.

Os chamados Crow eram os principais inimigos dos Sioux que, por sua vez, eram aliados do grupo Cheyenne. Antes da chegada dos espanhóis, os Sioux eram nômades e faziam grandes deslocamentos em busca das manadas selvagens de gado. Com os espanhóis, veio também o uso de cavalos nas atividades de caça e, assim, sofreram um processo de sedentarização. Após o processo de independência dos Estados Unidos, os conflitos entre colonizadores e indígenas Sioux aumentaram de forma exponencial. Essa civilização conseguiu resistir até o final do século XIX. Atualmente, os remanescentes se encontram vivendo em pequenas populações nos estados de Dakota do Norte e Dakota do Sul.

Figura 3 – Dança do Sol, dos índios Sioux

Fonte: Lvsitania (2010)[7]

Entre as tradições do povo Sioux encontra-se o ritual intitulado “Dança do Sol” (Figura 3), que contava com a suspensão corporal. Ele acontecia no período da lua cheia, mais próxima do solstício de verão. Apesar de os detalhes do ritual variarem entre as inúmeras tribos Sioux, sua essência permanece:

> [...] os participantes dançam em círculo por longos períodos (entre dois e quatro dias) olhando para o Sol. Há períodos de jejum, pinturas no corpo e contemplação, e a resistência dos dançarinos é testada por meio da automutilação. Cada um é pendurado, com ganchos de madeira cravados no peito ou nas costas, por uma corda anexada ao mastro central. O dançarino é suspenso no mastro até que o peso do seu corpo o liberte. Para os dançarinos a experiência é excitante, mas aos olhos de um estranho é bárbara. Foi banida por lei no começo do século XX. (FARRINGTON, 1999, p. 19).

Nessa ocasião, as pessoas acampavam em círculo, ao redor de uma árvore de algodão (a coluna do Sol), e construíam um pavilhão circular (o pavilhão da Dança do Sol), com 28 colunas. A coluna central representa a Wakan Tanka, o centro de todas as coisas. A cerimônia completa demorava 16 dias, sendo oito de preparação, quatro de realização e quatro de abstinência, que incorporavam o período de renovação, cura, purificação e oração.

Acredita-se que outros povos também realizavam a “Dança do Sol”, porém com algumas variações. Os Sioux acreditavam que a dança purificava e renovava suas almas. Durante a realização do ritual, era comum que os “dançarinos” fossem

[7] Disponível em: <http://lvsitania.files.wordpress.com/2010/08/sundancepole.jpg>. Acesso em: 13 dez. 2013.

possuídos por visões. E essa relação com o mundo onírico era extremamente importante para o povo Sioux, tanto que muito dos seus nomes vinham dos sonhos, por exemplo. Até os 16 anos, um índio não possuía nome, apenas ao alcançar a idade certa poderia se aventurar pelas Colinas Negras, lugar sagrado dos ancestrais dos Sioux, onde permanecia por dias até ter sua visão, retirando daí o seu nome.

1.1.3 Os indianos Sadhus

Os Sadhus são homens hindus da Índia considerados “santos”, geralmente comparados a monges, que renunciaram ao mundo e são vistos como transcendentalistas. O termo sânscrito “Sadhu” tem mais de um significado, entre eles, adjetivos como: agradável, bom, bondoso, compassivo, correto, decente, entre outros. Já quando usado como substantivo, pode se referir a homem sábio, santo ou vidente.

Diferentemente de outros transcendentalistas, eles não frequentam mosteiros, se vestem com o mínimo ou quase nenhuma roupa e são praticantes de diversos sistemas de ioga, meditação e práticas religiosas espirituais (Figura 4).

Figura 4 – Sadhus indianos

Fonte: Sadhus Indianos (s/d)[8]

[8] Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_fD9G5Nf7Sso/S9OCyHk-01I/AAAAAAAAD0I/5T7uQtUiLss/s1600/sadhus_sm.jpg>. Acesso em: 13 dez. 2013.

Ainda hoje, os Sadhus são figuras extremamente respeitáveis e tradicionais na Índia. A autoridade que exalam vem de dentro, não se configurando como uma imposição externa. Na testa, trazem uma marca (tilaka) que indica a escola filosófica a qual pertencem. As nuances do desenho refletem diferenças e variedades sutis, que representam as ramificações das escolas.

Os Sadhus vivem, geralmente, em cavernas nas montanhas, nas florestas ou em cabanas improvisadas às margens de rios sagrados. Eles fazem oposição a quase tudo o que a sociedade ocidental tem como padrão, como o próprio conceito corpóreo até o apego exagerado às coisas materiais. Eles são vistos como o mais extremo em matéria de renúncia.

A origem desses “homens santos” é bastante antiga, remontando à cultura do Vale do Rio Indus do terceiro milênio a.C.:

> Evidências arqueológicas reveladas por figuras encravadas em placas de pedra-sabão têm diversos elementos muito similares aos sadhus shivaitas contemporâneos, como o tridente e a postura de lótus. Portanto, de acordo com esta leitura, os relatos europeus sobre sadhus, de mais de 2000 anos, já chegaram tarde. (TOSTA, 2006, p. 2).

O mito de origem dos Sadhus contemporâneos está ligado à invasão védica. Quando os invasores chegaram estranharam “aqueles homens nus”, que agiam de forma irreverente e possuíam total desprezo pela hierarquia. Com o passar do tempo, os védicos também acabaram se rendendo aos Sadhus, incorporando-os à cultura hegemônica. Como prova disso, tem-se a teoria dos Ashramas, em que renunciar seria uma fase obrigatória no final da trajetória de todo hindu.

Assim, após viver uma vida de pai ou mãe de família, os mais velhos deveriam se dedicar ao Moksha, que seria a libertação do sofrimento e da ignorância causados pelos vínculos com a vida terrena. Isso porque a maioria dos hindus não conseguiria viver uma vida toda de renúncia, deixando isso para os Sadhus.

Os Sadhus possuem muitos ritos e superstições, sendo que sua própria aparência remonta a uma figura peculiar, competindo com deuses como Shiva e Vishnu.

Em relação à suspensão corporal, para a realização deste trabalho não foi possível obter detalhes específicos sobre datas de início do uso ou apropriação da técnica pelos Sadhus. Há relatos, em ambos os estudos de Pires (2005) e Lírio (2010) que, além dos contorcionismos, os Sadhus foram responsáveis por introduzir a prática na Índia. Dentro da cultura indiana, por exemplo, é possível ainda encontrar adeptos da suspensão corporal nos chamados Kataragama Festival, que acontecem na área de peregrinação específica, de mesmo nome (Figura 5).

Figura 5 – Suspensão realizada no Kataragama Festival

Fonte: Globe Spots (s/d)[9]

São muitas as ordens de Sadhus, assim como diversos os métodos e as práticas sugeridas pelo mestre a cada discípulo. Os Nagas são conhecidos pelo domínio da *ayurveda* e da ioga, além da prática de mortificações extremas e da formação de milícias. Nesse grupo também são comuns as práticas tântricas (que desenvolvem o controle não repressor, ritmos e a canalização da energia sexual), austeridades corporais e psicológicas, consideradas extremas.

Nesse ponto se encontram os “jogos de contorção”, desenvolvidos por Fakir, que consistem em modificar a forma e o crescimento dos ossos e provocar a distensão dos corpos. Nessa categoria enquadram-se as atividades de ginástica, os exercícios de ioga, o alargamento de furos feitos no corpo e o alongamento do pênis.

[9] Disponível em: http://www.globespots.com/pictures/gallery/kataragama_festival/ kataragama_festival_5.jpg; <ttp://www.globespots.com/photogallery.php?photogallery =kataragama_festival>. Acesso em: 13 dez. 2013.

2 SUSPENSÃO CORPORAL HOJE

Até meados de 1960, como explica Lírio (2010), os *piercings* eram raridade na cultura moderna ocidental. A partir dessa época, muitas das manifestações ligadas à arte e ao conceito de libertação, da liberdade de expressão e do domínio do indivíduo sobre si começam a se espalhar consideravelmente por todo o mundo. (KEMP, 2005).

O marco dessa transição se compõe dos inúmeros movimentos sociais dos anos 1960 e 1970 (como os *hippies*, os *punks* e a chamada contracultura). No século XX, o aumento populacional, o crescimento das cidades e as grandes descobertas da ciência alteraram de forma irreversível o comportamento humano (PIRES, 2005). Novas ideias e formas de pensar o mundo chegam e acabam levando aos resgates culturais de sociedades anteriores com uma abordagem mais contemporânea, em uma tentativa de, na verdade, fazer algo diferente, trazendo experiências novas:

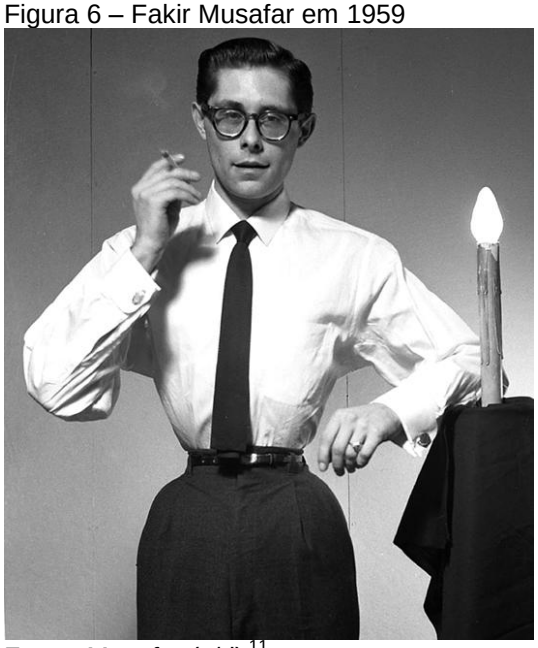
> Para situarmos o crescimento em nossa sociedade, das técnicas e dos adeptos das modificações corporais, devemos pontuar o início dos anos 1970, período em que essas técnicas começam a ser divulgadas, assimiladas e praticadas por um número maior de pessoas. É a partir dali que se intensificam e se aceleram as relações e as interferências que o corpo vem experimentando no âmbito da estética, do sexo, das crenças, da ciência e da violência. Essas áreas da vida estão intimamente ligadas às modificações corporais: as três primeiras englobam os motivos que levam o indivíduo a modificar seu corpo; a quarta permite o surgimento e aprimoramento das técnicas, instrumentos e materiais; e a última banaliza o corpo, a dor e a morte. (PIRES, 2005, p. 71).

Além disso, os avanços tecnológicos e científicos, principalmente com o advento da internet, contribuíram para que a expressão corporal fosse vista como ferramenta de cultura um pouco mais para frente. Dentro da chamada cultura *mod*, assim denominada no estudo de Lírio (2010), o termo *modern primitives* (primitivos modernos) criado por Fakir Musafar[10] (Figura 6) é muito conhecido hoje pelos praticantes e adeptos das alterações corporais, foi cunhado efetivamente de suspensão em 1967, para denominar os integrantes de um grupo de indivíduos que, mesmo fazendo parte do coletivo, vivem em função de experimentos para modificar o próprio corpo:

[10] Fakir Musafar será apresentado em detalhes na seção 2.1 deste trabalho.

> Foi então que Doug Malloy, pseudônimo de um milionário americano interessado em modificações e manipulações corporais, reuniu os poucos praticantes de que teve notícia. Em todo os EUA, encontrou apenas sete pessoas, cada uma pensando em ser a única a usar estes artefatos, e as incentivou e patrocinou para desenvolverem o que chamaríamos hoje de cultura mod. Além de investigar os significados e usos das praticas e dos rituais de culturas hindus e indígenas, pesquisaram historicamente e por tentativa e erro os materiais mais adequados para essas atividades. Dentre os pioneiros, o mais conhecido é Fakir Musafar. (LÍRIO, 2010, p. 23).

Figura 6 – Fakir Musafar em 1959



Fonte: Musafar (s/d) [11]

Fakir Musafar foi, portanto, o principal ponto de partida para o retorno da suspensão corporal na sociedade atual. Jim Ward, que realizou a primeira experiência registrada junto com Fakir, também estava entre os sete escolhidos. Após a reunião de Doug Malloy, em 1971, Jim começou a dirigir as chamadas festas T&P (Tattoo & Piercing), que foram uma forma de divulgação da prática e de encontrar novos adeptos. (PIRES, 2005).

As suspensões corporais também têm seu primeiro registro iconográfico em um filme da mesma década, intitulado “Um Homem Chamado Cavalo” (*A Man Called Horse*) (1970), como lembrado por Kemp (2005). Na produção, que ajudou a popularizar a prática, é realizado um típico ritual do povo Sioux (um “O-Kee-Pa[12]”), para que o protagonista John Morgan (um aristocrata inglês), interpretado pelo ator Richard Harris, pudesse se casar com uma índia da tribo. Na trama, o homem

[11] Disponível em: <http://www.fakir.org/aboutfakir/>. Acesso em: 13 dez. 2013.
[12] Ritual descrito no capítulo 1.

branco é capturado e escravizado, mas com o tempo, começa a fazer parte da sociedade e se adapta aos costumes dos índios Mão Amarela (parte da nação Sioux). No filme, a suspensão é realizada no interior da “Tenda Branca”, onde são fincadas garras de pássaros e peças de metal, por onde são encaixadas as cordas e, então, John é levantado.

Entretanto, nas últimas décadas, a suspensão corporal tem ganhado mais força e visibilidade na imprensa, devido à popularização da técnica pela internet, que possibilita não apenas a propagação da informação com mais facilidade, como também a troca de experiências. O surgimento do site Body Modification Ezine (BMEzine) em 1994, fundado por Shannon Larrat, é de extrema colaboração para esse crescimento, como explicado no capítulo anterior.

Na sequência deste capítulo, descreve-se a importância de Fakir Musafar para a suspensão corporal, o que é estipulado nesta pesquisa como um marco da transição entre duas épocas. Também serão apresentadas as principais técnicas de suspensão corporal utilizadas ainda hoje, além de descrever como elas podem ser ainda mais rebuscadas nas equipes de suspensão corporal do século XXI. Por fim, a apresentação da equipe de suspensão Diabos Mutantes faz-se primordial para este ponto do trabalho, antes da argumentação que envolve os encontros rituais.

2.1 Fakir Musafar: o marco da transição de duas épocas

Como mencionado anteriormente, a *body modification* no século XX ganha um de seus primeiros idealizadores por volta de 1948, o norte-americano Fakir Musafar, que ainda hoje, é um constante explorador de ferramentas que testam os limites físicos e referência em todo o mundo. Considerado o pai do movimento dos *modern primitives* (primitivos modernos), passou a utilizar seu próprio corpo como base de estudo para aperfeiçoar técnicas corporais. Seu interesse, na verdade, já existia desde criança. Nascido em 10 de agosto de 1930, em South Dakota (local onde, nessa época havia reservas indígenas), Fakir (Figura 7) se formou em Engenharia Elétrica, estudou física e química.

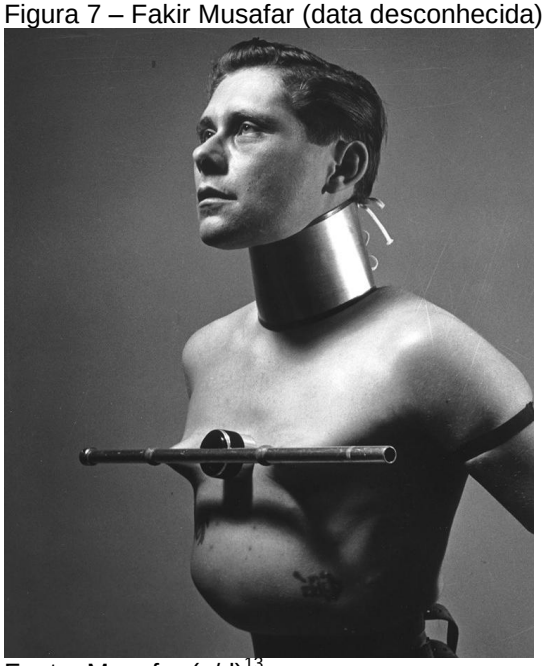
Pires (2005) descreve as primeiras experiências do profissional ainda quando criança:

> Fakir conta que desde a idade de 6 ou 7 anos começou a sentir um forte interesse por tudo o que pudesse causar fortes sensações corporais. Esse interesse surgiu quando, levado por seu pai a uma feira de atrações, viu pela primeira vez pessoas que faziam experiências com o corpo, como contorções e tatuagens. Esse contato o instigou a pesquisar e executar, em si próprio, tatuagens e perfurações. [...] O desejo, o fácil acesso às informações e a intuição de como e quando as modificações deveriam ser executadas, possibilitaram que aos 13 anos, [...] aproveitando-se de uma ausência prolongada dos pais, Fakir, sem interferência, ajuda, nem sugestão de ninguém, se utilizou de um torno para executar uma perfuração no prepúcio – a primeira de várias. Essa perfuração foi feita lentamente, num ritual que, segundo ele, durou o dia todo. (VALE; JUWO, 1994 apud PIRES, 2005, p. 103).

Este nome, que é um pseudônimo, foi adotado em 1978, inspirado em um indivíduo que viveu na Pérsia por volta dos anos 1800 e passou 18 anos de sua vida andando pelas cidades com punhais e outros objetos enterrados no corpo tentando explicar às pessoas suas motivações:

> [...] Fakir Musafar afirma que a ciência não é outra coisa senão magia. Depois de exercer diversas profissões, tais como executivo em agências de publicidade, instrutor do Exército e professor de danças de salão, é hoje um bem-sucedido empresário que se divide entre atividades educacionais, místicas e artísticas. É diretor e professor da *Fakir Body Piercing & Branding Intensive* – única escola licenciada pelo estado da Califórnia para ministrar cursos de transformações corporais [...]. (PIRES, 2005, p. 101-102).

Figura 7 – Fakir Musafar (data desconhecida)



Fonte: Musafar (s/d)[13]

[13] Disponível em: <https://www.facebook.com/fakir.musafar1>. Acesso em: 13 dez. 2013.

Musafar nunca deixou de compartilhar seus feitos, técnicas e sensações com o mundo: fundador da única escola reconhecida e licenciada para oferecer aulas que ensinam práticas primitivas, resgatadas e traduzidas para a realidade do mundo moderno, ele compartilhou ainda seus ensinamentos com nomes que também seriam grandes contribuições para a cultura *mod*.

Em 1985, ele executou, junto de Jim Ward, a primeira experiência registrada[14] de interpretação dos rituais Dança do Sol, da tribo Sioux e O-Kee-Pa, da tribo Mandan, como visto na Figura 8, a seguir.

Figura 8 – Primeira tentativa de reproduzir o ritual de suspensão, por Fakir Musafar

Fonte: Musafar (s/d) [15]

No século XXI, aos poucos aparecem alguns discípulos de Fakir Musafar. Entre os principais nomes está Allen Falker, que ajuda a adaptar as técnicas, tornando-as mais modernas: o profissional é, assim como seu mentor, um dos profissionais mais conhecidos, experientes e respeitados no mundo da suspensão.

---

[14] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIhbG7MgH_0&list=PLMt-u0Nk7cG4p23IlaHimPz9C71irReec>. Acesso em: 13 dez. 2013.
O link para compra no site do Fakir: http://www.fakir.org/store/index.html

[15] Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-s9mJjSfh2ro/T8g0Dbck7bI/AAAAAAAABoA/xSwybuTcPCo/s1600/Fakir+Musafar.PNG>. Acesso em: 15 dez. 2013.

Segundo Lírio (2010), ele é o profissional mais conhecido, experiente e respeitado no mundo das suspensões.

Figura 9 – Allen Falkner e Fakir Musafar em 2006, no evento intitulado “San Francisco Fetish Ball”

Fonte: Musafar (2006)[16]

Além de Falker, outros nomes são de extrema importância para a adaptação da suspensão corporal no mundo contemporâneo. Sterlac (pseudônimo do australiano Stelios Arcadiou) é um artista performático reconhecido no mundo todo, que testa os limites do corpo e ainda hoje utiliza constantemente a suspensão corporal em sua obra (Figura 9).

De acordo com artigo[17] publicado no site *Frrrk Guys*[18]*,* a suspensão foi incorporada no campo artístico principalmente por meio da obra de Sterlac. Ao todo o artista realizou 25 suspensões entre 1978 e 1988, voltando à atividade em 2012, para realizar sua 26ª em um trabalho de *performance.* Na ocasião, ele teve, no total, 16 ganchos espalhados pelo corpo, enquanto era suspenso sobre uma grande escultura branca de seus próprios braços (Figura 10).

[16] Disponível em: <http://www.spokeo.com/Fakir+Musafar+1/Mar+17+2006+Other+Photos# 9692351:53943261>. Acesso em: 13 dez. 2013.
[17] Disponível em: < http://www.frrrkguys.com.br/stelarc-ainda-em-atividade-no-uso-da-suspensao-corporal-no-campo-arte-contemporanea/>. Acesso em 16 dez. 2013.
[18] Site de grande relevância para a modificação e suspensão corporal brasileira, por ser um dos únicos (se não o único) a realizar entrevistas com grandes nomes da área no mundo todo. No país, é possível compará-lo, em grau de importância, ao BMEzine.com.

Figura 10 – Sterlac em 2012, durante a realização de uma performance.

Fonte: Frrrkguys (s/d)[19]

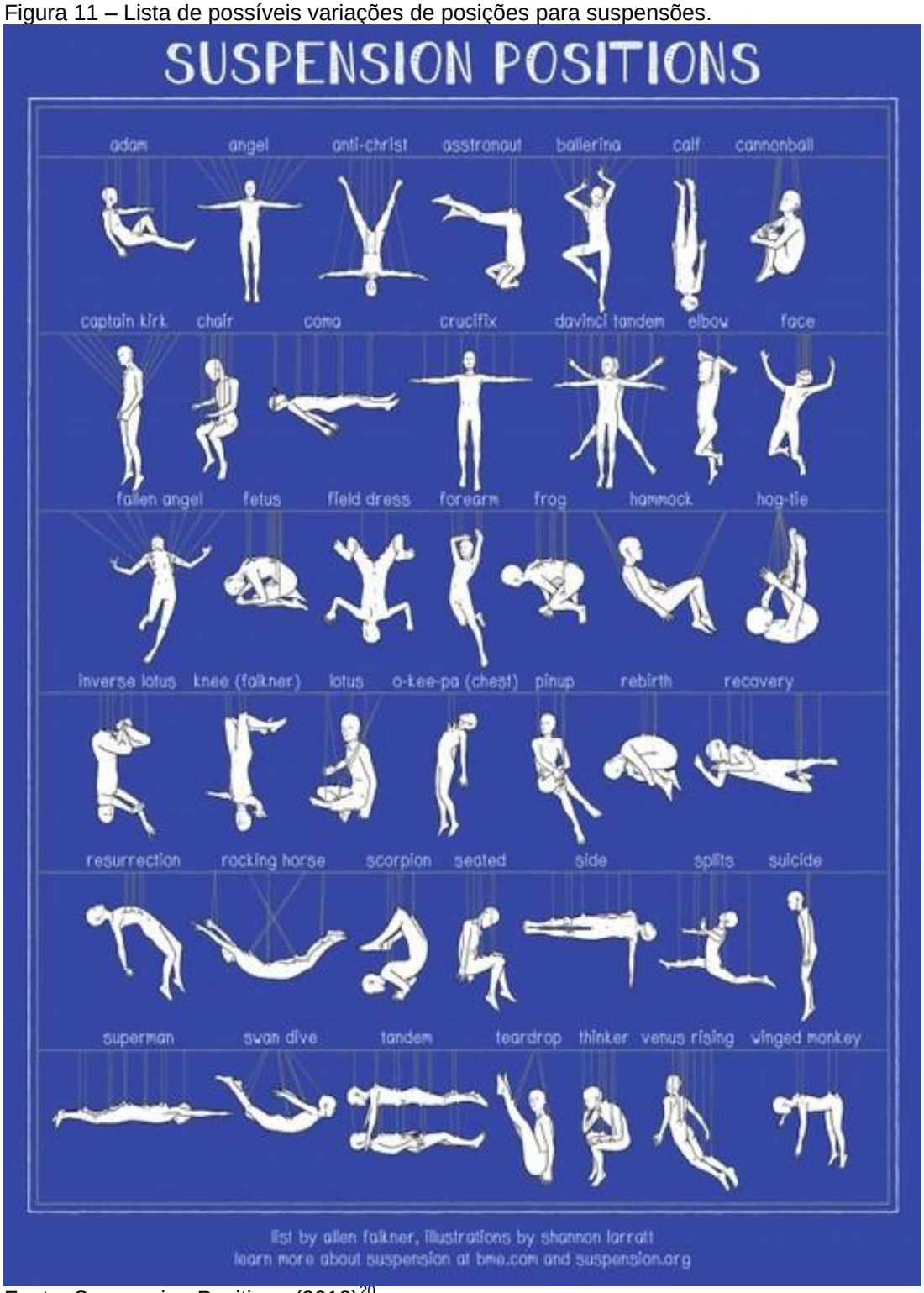
Entre outros nomes de extrema importância para a suspensão corporal atual estão a argentina La Negra, o francês Lukas Zpira e do venezuelano Emilio Gonzales.

No Brasil, as perfurações corporais começam a se tornar mais frequentes a partir da década de 1980. Nesse período, o brasileiro André Meyer, um dos percursores do *piercing* e da suspensão corporal no Brasil, aprende técnicas na Inglaterra, com Grant Dempsey, um dos primeiros nomes a praticar a perfuração corporal conhecida hoje. A partir de então, Meyer dedica a se especializar tendo contato com a cultura de povos tribais em países como Índia e Estados Unidos. Além dele, outro importante nome que ajudou a cunhar a técnica no Brasil é o de Filipe Espíndola, também artista performático (de Campinas, interior de São Paulo).

Parte essencial também para descrever essa transição para a cultura contemporânea são as diversas variações de suspensão corporal que existem atualmente. Mesmo que as técnicas e tipos de perfurações e posições possam variar conforme o grupo e/ou os participantes que a realizem, existem algumas posições mais conhecidas, o que funciona como uma espécie de “patente” no mundo todo. A Figura 11 mostra uma lista de variações possíveis para as posições e tipos de perfurações em uma suspensão corporal:

[19] Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/stelarc-ainda-em-atividade-no-uso-da-suspensao-corporal-no-campo-arte-contemporanea/>. Acesso em: 13 dez. 2013.

Figura 11 – Lista de possíveis variações de posições para suspensões.



Fonte: Suspension Positions (2013)[20]

[20] A lista acima foi feita por Allen Falker, e as ilustrações são de Shannon Larrat. Disponível em: <http://news.bme.com/2013/02/09/suspension-positions-chart/> Acesso em: 15 dez. 2013.

Extraindo explicações do fórum do site *BMEzine,* Braz (2006) define em sua pesquisa, citando Shanon Larrat, os tipos de suspensão existentes mais comuns:

- **Suspensão vertical pelo peito (“*O-Kee-Pa*”):** os ganchos são colocados na parte da frente do corpo, que é erguido verticalmente. *O-Kee-Pa* é o nome dado aos rituais Sioux; a forma correta de intitulá-la atualmente, segundo os praticantes, seria Suspensão Vertical pelo Peito. Para Larrat (2002 apud BRAZ, 2006), esta seria considerada a mais dolorosa e difícil das suspensões, trazendo problemas respiratórios (devido à posição) e perfurações muito sensíveis.

- **Suspensão vertical pelas costas (“*Suicide*”, ou em português, “Suicídio”):** o corpo, erguido também verticalmente, é perfurado nas costas. Pode ter dois ou mais ganchos. Segundo Larrat, o nome *suicide suspension* surgiu porque o corpo “*parece que está enforcado por um laço corrediço*” (LARRAT, 2002 apud BRAZ, 2006). Esta suspensão normalmente é uma das primeiras realizadas por iniciantes, pois seu grau de difuculdade é considerado menor.

- **Suspensão vertical pelas costas com ganchos nos braços (“Espantalho” ou “Crucifixo”):** para fazer um crucifixo, o praticante terá ganchos fincados na parte de cima das costas e braços (forçando-os a se abrir horizontalmente) e o corpo é elevado verticalmente, com ganchos também colocados nos braços, forçando-os a se abrir horizontalmente.

- **Suspensão horizontal de cabeça para baixo (“Superman”):** Lembra, literalmente, a posição do Superman voando. Nesta variação, o suspenso tem perfurações feitas com a mesma distância em toda a parte de trás do corpo. A elevação é horizontal. Segundo Larrat (2002 apud BRAZ, 2006), muitos novatos a escolhem para ser a primeira suspensão.

- **Suspensão horizontal de cabeça para cima (“Coma”):** ao contrário da posição *Superman*, nesta suspensão os ganchos são colocados na parte frontal do corpo. Larrat explica que muitas pessoas se referem a esse

estilo como "*coma*" *suspension* depois do filme *"Coma*" (apud BRAZ, 2006).

- **Suspensão joelho invertido ("Falkner"):** nesta suspensão, o suspenso é erguido de cabeça para baixo pelos joelhos. A elevação é vertical. De acordo com Larrat (2002 apud BRAZ, 2006), o nome em homenagem à Allen Falkner se deve ao fato de o profissional ter sido o primeiro a tentar esta configuração particular.

- ***Tandem* (bicicleta de dois assentos):** na variação *Tandem suspension* duas pessoas são erguidas de uma vez do chão juntas, com os ganchos presos uma à outra. Larrat (2002 apud BRAZ, 2006) a define como uma "suspensão empilhada".

Braz (2006) também descreve como outra variação da suspensão, o *Pulling*: nesse procedimento, duas ou mais pessoas puxam-se umas às outras em direções opostas, com ganchos colocados normalmente nas costas. Não há limites para o número de pessoas envolvidas em um procedimento como este. A diferença dessa suspensão para a suspensão convencional é que normalmente as pessoas permanecem com os pés no chão.

Outro tipo de suspensão não descrito por Braz (2006), mas muito realizada nas equipes brasileiras atuais, é a *spinning beam*: nela, dois participantes ou mais são ligados em direções opostas (semelhante ao *pulling),* um em cada extremidade do suporte, podendo girar enquanto suspensos. O movimento é semelhante ao de uma gangorra.

2.2 "Nós somos Diabos Mutantes... suspendendo humanos!"

Nós chegamos e nos instalamos
Em todos os cantos
Não precisamos nos apresentar
Pro massacre começar
Vocês já nos conhecem
De seus filmes B
Fingem que não existimos
Tentam nos esconder
Não querem acreditar
Estamos no meio de vocês
Nós queremos, nós tomamos

> E não nos importamos
> Nós somos diabos mutantes...
> Vem comer humanos!
> Diabos Mutantes
> Zumbis do Espaço / Abominável Mundo Monstro (2000)

Depois dos anos 1990, alguns indivíduos, adeptos e entusiastas da modificação corporal, aos poucos, começaram a se interessar mais pela prática da suspensão. O que vemos em diversos países é o aparecimento de grupos organizados, que reutilizam as técnicas aprimoradas do movimento iniciado pelos primitivos modernos, de Fakir Musafar. O modo de realizar os procedimentos, os detalhes de cada suspensão e quaisquer outras informações técnicas são passados, quase sempre, de mentores para aprendizes.

As experiências de uma equipe de suspensão corporal específica motivaram a realização deste trabalho. Durante a pesquisa, foram constantes as visitas aos eventos do grupo Diabos Mutantes, da zona leste da cidade de São Paulo. A organização da equipe, que hoje é formada não só por amigos próximos, mas também por pessoas que compartilham dos mesmos gostos e ideais, foi o principal motivo que levou ao questionamento: será que os Diabos Mutantes, mesmo sem a clara intenção de promover seções rituais, seriam indivíduos levados a viver em uma comunidade paralela quando unidos pela suspensão corporal?

Em 2010, foi desenvolvido um desenho pelo tatuador Nicolas Rodrigues que funciona como uma espécie de logomarca (Figura 12), utilizada em camisetas e eventos; e também para identificar o grupo também nas redes sociais.

Uma música lançada em 2000 pela banda brasileira de *punk rock* Zumbis do Espaço expressaria, em 2005, um sentimento de algumas pessoas (e, posteriormente, também o de inúmeros simpatizantes). Foi a partir da letra[21] de *Diabos Mutantes* que Angelo Martinez (conhecido como *Freakboy* ou Du) e Jimi Rocha decidiram nomear sua equipe de suspensão corporal. Não se trata especificamente do que a letra fala, mas, sim, do que ela representa tanto para os adeptos da modificação corporal atualmente quanto para os praticantes da suspensão.

---

[21] Áudio disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=1cAiNDmzEqg>

Figura 12 – Desenho criado para identificar o grupo Diabos Mutantes.

Fonte: Diabos Mutantes (2010)[22]

Desde então, o grupo paulistano vem ganhando nome e reconhecimento em todo o país e até mesmo no exterior. Os *Diabos Mutantes* se organizam periodicamente para realizar suas sessões de “ganchadas”. O que antes era apenas uma forma de diversão, acabou virando uma espécie de pequena sociedade alternativa, na qual os integrantes dividem seus gostos pessoais, costumes e fogem das preocupações externas do cotidiano.

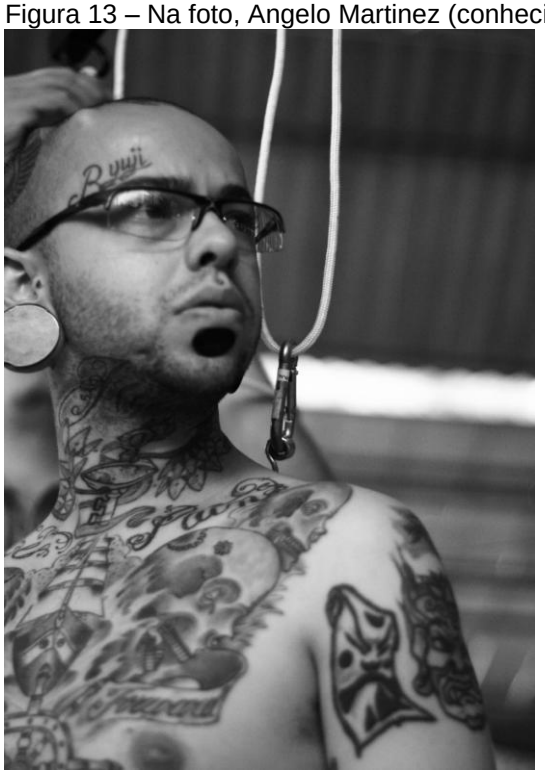
Em entrevista, *Freakboy* (Figura 13) atualmente o único líder da equipe, conta como foram suas primeiras experiências:

> Eu e o Jimi começamos a ver as suspensões de perto. O Till e o Pinguim [apelidos dos dois mentores] nos ensinaram tudo o que sabíamos. Acompanhamos aproximadamente cinco suspensões. Nas duas ou três primeiras, fomos apenas como espectadores. Da terceira em diante, começamos a ajudar segurando o tecido (pele), arrumando bancada e puxando a corda. Era bem um auxílio mesmo. Em 2006 já tínhamos acompanhado várias suspensões, algumas no Tatuapé [bairro da capital paulista] com dois amigos nossos, o Mineiro e o Dil. Nessa ocasião, ajudei a fazer marcação na pele. Em 4/5/2006 fizemos nossa primeira suspensão

[22] Disponível em: <https://www.facebook.com/diabosmutantes> Acesso em: 20 dez. 2013.

> sozinhos. Foi em mim, foi meu primeiro *suicide*. Era a primeira vez que eu era suspenso e, ao mesmo tempo, ajudava a suspender alguém.[23]

Figura 13 – Na foto, Angelo Martinez (conhecido como *Freakboy* ou Du), líder do Diabos Mutantes.



Fonte: Evento Inter Hook, foto cedida pelo fotógrafo Go Carvalho (março/2011).

A equipe começou com um material básico e bem simples. No início eram quatro ganchos, quatro agulhas americanas, alguns metros de corda, uma polia velha e a vontade de suspender. Na primeira experiência de Angelo, Jimi marcou e perfurou as costas. Todo o procedimento foi feito de acordo com as experiências e instruções básicas dos dois mentores. A suspensão, na verdade, estava marcada para o dia 28 do mesmo mês, com supervisão. Entretanto, a vontade era tanta e os dois ficaram tão afobados com o material em mãos, segundo o apelidado *Freakboy*, que a primeira vez sozinhos foi feita por impulso, com a presença e ajuda de amigos, filmagem de uma das esposas e ajuda da outra (que é enfermeira) (Figura 14).

> No final eu fiquei mais ou menos uma hora suspenso! Foi bem divertida a minha primeira vez, bem satisfatória. Ficamos tão felizes com o resultado que fizemos a segunda suspensão, em menos de 20 dias... Desta vez, eu perfurei o Jimi. Os presentes nunca tinham visto alguém segurar outra pessoa, fazer a pressão de outro corpo na suspensão. O Jimi me chamou, balançou o teto, anarquizou! Foi muito boa também! Ele me chamou, me segurou no ar... Foi daí, então, que o Pinguim e o Till falaram: 'Vocês

[23] Entrevista sobre a fundação da equipe Diabos Mutantes. Informação verbal concedia por Angelo Martinez em 25/02/2012 à autora deste trabalho, no estúdio New Hope Tattoo & Piercing, Vila Carrão, São Paulo/SP. (A entrevista completa consta no anexo A desta monografia).

> viraram dois monstros! Nós não vamos mais continuar; vocês seguem aí a fazer as suspensões; estamos cansados e vocês já aprenderam o que tinham que aprender. Deem continuidade'. [24]

Figura 14 – Primeira suspensão corporal de *Freakboy*: um *suicide* (de acordo com relato).

Fonte: Freakboy (s/d)[25]

Depois das primeiras experiências satisfatórias, a vontade apenas cresceu. Todos os meses aconteciam duas ou três seções. No início, segundo Angelo, não existia uma equipe. Os procedimentos eram feitos por dois amigos e acompanhados por algumas pessoas próximas. Não existia uma comunidade, eles não eram conhecidos, não existiam pessoas interessadas em saber mais sobre quem eram os *Diabos*: no começo de tudo, os rituais eram realizados em espaços quase "escondidos do mundo".

Como já citado, Jimi e Angelo eram fãs da banda Zumbis do Espaço (que se inspira em filmes de terror, histórias em quadrinhos e ficção científica para compor suas músicas). A letra de *Diabos Mutantes* daria nome ao estúdio de tatuagem que a dupla estava prestes a abrir. Entretanto, eles optaram por um apelo mais comercial para a loja, com a preocupação de não expressar agressividade e "espantar" os

---

[24] Entrevista sobre a fundação da equipe Diabos Mutantes. Informação verbal concedia por Angelo Martinez em 25/02/2012, no estúdio New Hope Tattoo & Piercing, Vila Carrão, São Paulo/SP. (Vide entrevista completa no anexo A desta monografia).

[25] Disponível em: <https://fbcdn-sphotos-h-a.akamaihd.net/hphotos-ak-prn2/t1/250140_136491873103400_4061428_n.jpg> Acesso em: 20 dez. 2013.

clientes. Como não há uma preocupação com o senso comum no caso da equipe de suspensão corporal, o nome passou então a representá-los (não se sabe exatamente quando).

Hoje em dia há, inclusive, uma brincadeira parodiando a música dos Zumbis do Espaço com a essência da equipe. Em vez dos integrantes cantarem “Nós somos diabos mutantes... Vem comer humanos” como é na letra original, algo como um grito de guerra foi criado entre eles, que cantam o seguinte: “Nós somos diabos mutantes... Suspendendo humanos!”.

As influências vieram principalmente dos mentores e a partir da observação de algumas pessoas do meio da modificação corporal no Brasil, sendo elas: Freak Garcia, Roberto Medeiros (o “Lagartixa”), Valnei Santos (de Recife, Pernambuco) e Felipe (sobrenome desconhecido), que organizava a *Suscon* (um evento de suspensão corporal). Fora do Brasil, Du cita nomes como Emilio Gonzalez, da Venezuela; o *Circus Shows* (grupo que faz *freak show)* e, atualmente, o grupo russo *The Sinners Team*[26].

Com o afastamento de Jimi por um período no final de 2007, Angelo passou a conhecer outras pessoas da comunidade *body mod* em diferentes situações, o que o fez participar de eventos maiores como as apresentações de suspensão corporal na *Virada Cultural* da capital paulista[27]. Com o tempo, pessoas interessadas foram se aproximando dele, até mesmo por quererem sua amizade, e *Freakboy* começou, segundo ele mesmo, a recrutar mais gente e investir mais em material, que no início era muito caro. [28]

Na época, o dinheiro era escasso e as suspensões então aconteciam de uma forma mais “rústica”, sem muita aparelhagem moderna. Angelo conta que, hoje a equipe possui polia de escalada de rapel e placas de ancoragem. Por outro lado,

---

[26] *The Sinners Team* é um grupo de suspensões corporais russo, de organização semelhante aos Diabos Mutantes. Seus criadores são considerados inovadores por realizarem manobras como as *free fall suspensions,* suspensões em queda livre realizadas durante *bungee jumps.*

[27] A Virada Cultural de São Paulo é um evento promovido anualmente desde 2005, trouxe apresentações públicas de suspensão corporal em um palco específico para debates e performances em 2010, 2011 e 2012.

[28] Informação verbal em entrevista concedida em 25/02/2012, no estúdio New Hope Tattoo & Piercing, Vila Carrão, São Paulo/SP. (Vide entrevista completa no anexo A desta monografia).

eles gostam de manter e utilizar os primeiros *frames* grandes e pesados, feitos em serralherias que fazem parte da história.

O material de rapel inovou muito na segurança, na qualidade e no transporte (principalmente no que diz respeito às viagens e eventos). As melhorias dos equipamentos também possibilitaram novas experiências: uma das delas foi um *spinning beam* feito pelo joelho. Nessa ocasião, conforme anotações feitas em trabalho de campo, três pessoas foram erguidas simultaneamente, penduradas por um mesmo "varal" (Figura 15).[29]

Figura 15 – *Spinning beam* pelos joelhos (com três pessoas ao mesmo tempo) descrito por Angelo.

Fonte: Grupo fotografado pela autora deste trabalho em janeiro de 2012.

Além desta, a equipe já realizou cerca de três ou quatro tipos de suspensão que não são vistas e ou/registradas frequentemente no Brasil. Um exemplo foi a realização de um *tandem* (em português, "totem") (Figuras 16 e 17). A primeira foi feita em uma reunião em Brasília (DF). Depois da primeira experiência bem-sucedida, a equipe repetiu por mais algumas vezes em São Paulo. De acordo com o líder dos *Diabos Mutantes*, eles foram os primeiros a realizar esta variação no país.

[29] Um s*pinning beam* tradicional normalmente é feito apenas com duas pessoas (uma em cada ponta), com *suicide* (pelas costas), como descrito no início deste capítulo.

Figuras 16 e 17 – Primeiro totem realizado pelos Diabos Mutantes em São Paulo (SP).

Fonte: Grupo fotografado pela autora deste trabalho em janeiro de 2012.

De acordo com o depoimento de *Freakboy*, muitas pessoas de fora da equipe hoje em dia procuram *os Diabos* para realizar suspensões, para conhecer as experiências ou, até mesmo, com a intenção de fazer parte do grupo. Ele conta que a procura é grande e eles geralmente são abertos para interação, mas, no final, são poucos os que realmente fazem um procedimento ou integram o grupo.

Nathalia Soares, 21 anos, é uma das integrantes da equipe. Parte do Diabos Mutantes desde os 18 anos, ela afirma em entrevista que sua principal motivação para realizar as suspensões corporais é a superação de limites, tanto na parte física, quanto no psicológico. Explica também que a suspensão a deixa em paz, trazendo leveza e tranquilidade após o procedimento (Figura 18). No relato a seguir, Nathalia descreve suas principais sensações antes, durante e depois os procedimentos:

> Antes: sempre fico com medo e com frio na barriga, mesmo que eu já tenha feito aquela perfuração antes, afinal, tudo ao redor influencia no resultado da suspensão.
>
> - Durante: No momento de puxar a corda eu fico extremamente concentrada e não presto mais atenção em nada ao meu redor, pessoas, sons etc.
>
> Assim que a pele é puxada, sinto um pouco de dor (que passa rapidamente) e depois fico bem aliviada de ter conseguido fazer o que eu queria. Assim que eu fico estável eu me foco em superar alguns limites, por exemplo: ficar mais tempo suspensa, balançar bastante, mover os braços e pernas...

> - Depois: é uma sensação ótima, sempre fico feliz por ter superado algo novo e me sinto bem comigo mesma. [30][31]

Figura 18 – Nathalia Soares durante a realização de uma suspensão chamada *resurrection*.

Fonte: Foto de arquivo pessoal de Nathalia Soares.

Sobre limites, Nathalia explica que depende "da época". "Às vezes aparece algo novo, que eu morro de vontade de fazer; não sei dizer se tenho algum limite."[32]

Para Nathalia, a experiência da suspensão corporal é diferente de qualquer tipo de modificação. Os ferimentos são comuns, segundo ela, e faz parte do ritual, e afirma: "Eu adoro as marcas que tenho!". Ela acredita que o ritual em si não se perdeu totalmente em relação às sociedades tribais:

> Isso é muito relativo. Cada pessoa faz por um motivo. Há quem faça para ganhar dinheiro, *status*, fama etc. Mas também há quem faça pelo ritual em si, pelas pessoas que estão próximas, pelo local escolhido. Neste caso eu não acho que foi perdido o 'ritual', apenas a situação é diferente e não é algo que é necessário; a pessoa fará porque ela quer (o que eu acho que garante melhor proveito).

---

[30] Em campo foi possível perceber que todos os participantes passam por estágios: cada um deles começa por suspensões mais simples (como *suicide* e *knee*), que vão sendo dificultadas pelo líder conforme ele acredita que seja necessário. O participante também pode dizer quando acredita que está pronto para seguir em frente com posições e perfurações mais difíceis.

[31] Informação verbal em entrevista concedida em 25/02/2012, no estúdio New Hope Tattoo & Piercing, Vila Carrão, São Paulo/SP. (Vide entrevista completa no anexo A desta monografia).

[32] Idem.

A praticante da suspensão corporal explica que a presença dos outros integrantes do Diabos Mutantes nos rituais é essencial, independentemente da ocasião. Ela enfatiza a segurança que trazem durante um procedimento e a questão da amizade, que prevalece e se fortalece após os encontros.

O tatuador Robson Nagata, de 23 anos, também faz parte do grupo Diabos Mutantes. Depois de conhecer as suspensões corporais por meio de vídeos na internet, ele começou a praticar quando passou a ter mais contato com o líder, *Freakboy*. Para Robson, as suspensões são principalmente uma forma de testar o corpo, conhecer melhor seus limites, e também de diversão. Assim como Nathalia, ele explica as sensações ao longo do procedimento:

> São diversas sensações. Depende muito da *vibe* que você está no momento. Antes de subir, sempre tem uma expectativa muito grande; durante é uma adrenalina muito grande, e depois vêm as sensações de satisfação e relaxamento.[33]

Para ele, entretanto, independentemente do contato e participação no grupo, os motivos são pessoais e "vão de cada um". Cada experiência, segundo o tatuador, tem uma razão, diz: "Cada vez que me suspendo estou passando por alguma fase da minha vida. Isso me ajuda a refletir mais sobre tudo. Por esta razão, cada experiência tem uma tem uma importância diferente para mim."

Robson, que começou em 2012, enfatiza que há uma relação de confiança com os integrantes do grupo e com quem realiza a suspensão. Até hoje, realizou apenas duas das posições mais simples (costas e joelhos). Ele descreve a suspensão como uma espécie de *hobbie.* Para o tatuador, em relação aos ferimentos, a dor é inevitável, "É algo que todos nós precisamos superar", explica.

Conforme as anotações feitas em trabalho de campo, não há um critério prévio para ser um membro. A ideia do grupo é reunir pessoas que realmente gostem de suspensão corporal, que queiram entender mais e que se interessem em fazer parte da cena da suspensão corporal no Brasil. Há uma avaliação prévia muito discreta do líder e, por isso, acabam acontecendo algumas escolhas.

---

[33] Informação verbal em entrevista concedida em 25/02/2012, no estúdio New Hope Tattoo & Piercing, Vila Carrão, São Paulo/SP. (Vide entrevista completa no anexo A desta monografia).

No que diz respeito à organização do grupo, frequentemente acontecem reuniões internas para discutir algumas decisões práticas (sobre a aquisição de materiais novos ou produção de novos produtos para venda). Dentro do estúdio *New Hope Tatttoo & Piercing*, funciona também uma espécie de sede dos *Diabos Mutantes,* em que também é administrado o capital de giro para continuar com as suspensões corporais e as ações-divulgação (que acontecem principalmente pela internet), para que os eventos sejam realizados com frequência.

A percepção de que era necessário arrecadar dinheiro aconteceu por volta de 2010. Foram produzidas as primeiras camisetas com a logomarca da equipe e, posteriormente, outros produtos, como agasalhos, alargadores e chaveiros personalizados com ganchos em miniatura. Tudo o que é arrecadado com as vendas é posteriormente revertido em materiais e despesas em viagens da equipe.

2.2.1 Os detalhes de um procedimento

Todos os elementos que fazem parte de uma suspensão corporal são muito bem calculados. Nesta parte do trabalho, as anotações feitas durante a presença em alguns eventos da equipe *Diabos Mutantes* em 2012 e 2013 foram utilizadas para explicar melhor os detalhes de um procedimento. Cada tipo de suspensão citado na seção 2.1 deste trabalho, do ponto de vista técnico, é feito de uma maneira diferente. Mesmo que não caiba a esta pesquisa discutir a técnica em si (como o tipo de agulha e gancho utilizado ou a forma de realizar as perfurações), é importante discorrer sobre alguns processos e materiais, a fim de explicar as diferenças que existem entre as suspensões praticadas hoje e as realizadas em rituais tradicionais pelas sociedades *Mandan*, *Sioux* e *Sadhu*.

Inicialmente, podemos separar os eventos realizados pela equipe em duas categorias:

- Apresentações performáticas: públicas, teatrais e realizadas em casas noturnas (ou em locais que sejam propícios para reunir uma plateia), com presença de espectadores e eventual uso de figurino e maquiagem – dependendo da ocasião.

- Reuniões privadas: realizadas somente entre os membros do grupo e pessoas próximas, com propósitos superação de limites ou busca por algum objetivo (o que varia de pessoa para pessoa) e diversão, sem presença de espectadores externos (a não ser que o local facilite algum tipo de interação externa), utilização de roupas casuais ou como a pessoa esteja mais confortável para a realização da suspensão.

Em qualquer uma das duas ocasiões, seja ela privada ou pública, as fotografias e os vídeos são formas essenciais de registro e fazem parte das reuniões, seja para divulgação, aprendizado ou simplesmente como recordação. O fato é que, mesmo em comunidade, respeita-se a individualidade de cada um. No caso dos eventos privados, a pessoa suspensa posta suas fotos na sua página da rede social apenas se tiver vontade, e sua imagem só é divulgada no *Facebook* do *Diabos Mutantes* se concordar com isso.

Pensando ainda nessa questão de registro, como em qualquer processo de superação de um limite corporal ou em que se faz algo novo, há uma certa vaidade por parte de alguns participantes. Em outros casos, os próprios suspensos preferem que a experiência seja algo para guardar, algo para si mesmo. Visitando o grupo, foi possível observar experiências dos dois tipos: para quem realizava a prática pela primeira vez, por exemplo, foi possível identificar iniciados que ficam satisfeitos em expor essas experiências e iniciados que preferem guardá-las para si mesmos. É possível, também, como explicado por *Freakboy* em seu depoimento, observar as pessoas que realmente se interessam, gostam e fazem parte da equipe, e quem está presente apenas por curiosidade. Dessa forma, como as portas estão sempre abertas para receber novos “curiosos”, há uma inevitável rotatividade de membros.

Durante qualquer tipo de suspensão, hoje em dia um procedimento requer que:

- todos os acessórios estejam devidamente esterilizados (para garantir a saúde do suspenso e do suspensor);

- a agulha e os ganchos sejam adequados ao procedimento;

- as perfurações sejam feitas da maneira correta, com a profundidade necessária (nem mais, nem menos) e espaços suficientes entre um gancho e outro;
- a amarração das cordas esteja impecável (por segurança);
- a perfuração e a suspensão em si sejam feitas com muita calma, respeitando o tempo e a resistência do suspenso;
- os materiais sejam de qualidade suficiente para suportar uma ou mais pessoas de qualquer porte físico sem problemas, além das estruturas necessárias.

Por fim, uma experiência é completa quando o corpo humano é levantado do chão pelas cordas transpassadas, presas aos ganchos especiais de aço cirúrgico que atravessam a pele e, na outra ponta, as pessoas puxam as cordas, em uma estrutura capaz de suportar o peso de um ou mais corpos, sem grandes riscos.

Normalmente, uma ou duas pessoas são responsáveis pelas perfurações (sendo uma delas o líder e a outra, um ajudante). Dependendo do tipo de suspensão e do peso a ser levantado, a quantidade de pessoas que ajudam a puxar e a segurar a corda pode aumentar ou diminuir. Dependendo do local e da ocasião, pode haver uma maneira de prender essa corda, sem que algumas pessoas tenham a necessidade de segurá-la.

No que diz respeito ao tempo e aos fatores externos, principalmente no caso dos eventos privados, é interessante perceber a seriedade da equipe. Nos dias que os membros teriam para descansar de sua vida rotineira, os *Diabos Mutantes* se propõem a acordar em um domingo de madrugada, por exemplo, para realizar algumas suspensões ou para viajar, com o único propósito de encontrar locais diferentes, com lindas paisagens, apenas para que as fotografias e vídeos sejam memoráveis, e a experiência em si, agradável para todos os participantes.

No caso das experiências públicas e performáticas, elas normalmente acontecem com convites de casas noturnas ou de algum evento específico – como foi o caso do palco de arte corporal na *Virada Cultural* da capital paulista – ou em

convenções de tatuagem, que comumente apresentam exposições corporais. A ideia por trás dessas experiências é, principalmente, divulgar o trabalho que vem sendo feito, os ideais do grupo e da comunidade da modificação corporal como um todo e, até mesmo, mostrar melhor a prática para a sociedade, na tentativa não de aceitação, mas de interação. As aparições públicas vão além do exibicionismo.

De acordo com anotações feitas em trabalho de campo, em todas as experiências presenciais, observando o grupo em ação, foi possível verificar que apesar das motivações individuais, todos os envolvidos prezam principalmente: bons momentos entre amigos, a troca de experiências (com pessoas que entendam e compartilhem dos mesmos gostos), a demonstração de capacidade dentro do Diabos Mutantes e, principalmente, a sensação durante a suspensão corporal. Os integrantes também consideram importante que as suspensões vertam sangue e deixem marcas.

No momento em que estão reunidos nessa comunidade própria, parecem se esquecer do mundo externo, das preocupações de fora. As reuniões parecem criar vínculos sociais e funcionar como uma válvula de escape da rotina cotidiana e das pressões sociais.

3 RITUAL E SOCIEDADE

Embora antigamente se acreditasse que as sociedades eram estruturas estáticas, nas quais a mudança era considerada uma falência social ou um processo de aculturação[34], o que se tem atualmente são teorias que acreditam no movimento contínuo das sociedades. Para tanto, entende-se que os indivíduos influenciam a sociedade e que a sociedade influencia os indivíduos.

Dentro dessa dinâmica social, encontra-se o sentido de rituais que, com suas propriedades simbólicas, se desenvolvem e fomentam a transformação ou manutenção da ordem vivente, como define Turner (apud DUARTE, 2005)[35]: “O rito é a interrupção da vida rotineira. É a teatralização e a dramatização daquilo que é contínuo na sociedade, segundo uma vontade e uma simbologia que não está inscrita em um ‘manual cultural’”.

Na tentativa de responder o questionamento quanto ao caráter ritualístico das práticas desenvolvidas dentro da equipe de suspensão corporal *Diabos Mutantes* e até que ponto o grupo está inserido nos conceitos desenvolvidos por Turner (1974), a proposta deste capítulo é enfatizar as principais definições dos rituais para, por fim, analisar a rotina do grupo.

3.1 Definindo rituais e ritos de passagem

Muitos rituais possuem uma marca em comum que os define, como tais: a repetição, segundo Turner (1974). Assim, ao repetir certo ato inúmeras vezes, os praticantes concedem determinado grau de segurança e de coesão social às pessoas. Por meio da repetição e do conjunto de regras elaboradas e cobradas pelos grupos sociais, os rituais passam aos participantes uma sensação de ordem, de manutenção e de continuidade de existência dos costumes e tradições desses mesmos grupos.

---

[34] Segundo o dicionário Houaiss, aculturação é um processo de modificação cultural de indivíduo, grupo ou povo que se adapta a outra cultura ou dela retira traços significativos. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 3 ago. 2013.

[35] Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, em Londrina.

Peirano (2003) explica que não existe uma “definição operativa” de ritual. Segundo a teórica, é preciso que cada pesquisador etnográfico defina em campo, com o grupo que ele observa, a noção de ritual. Assim, percebe-se que todos os grupos sociais possuem determinados eventos ou acontecimentos que eles consideram únicos. Todas as sociedades fazem isso, mas de maneiras diferentes.

A estudiosa ainda afirma que existem rituais de diversas naturezas: religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. Segundo ela, também é importante que, como observador de outros rituais, não se deve deixar influenciar pelas próprias convenções sociais, que se modificam a cada grupo social. Ou seja: o que para um ocidental pode parecer “correto”, para um oriental pode ser diferente.

O antropólogo Stanley Tumbiah propõe uma definição para ritual, considerando-o como:

> [...] um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como ‘performativa’ em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval]; e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como ‘Brasil’ o time de futebol campeão do mundo] (TUMBIAH apud RODOLPHO, 2004, p. 141)[36]

A partir dessa definição, é possível perceber que os rituais estão presentes no cotidiano. No Brasil, eventos que exemplificam essa afirmação são: o Carnaval, as procissões religiosas, entre outros.

Expandindo mais a noção de ritual, há situações que englobam mudanças significativas em nossas vidas, como o nascimento, a entrada na vida adulta, o casamento e a própria morte. “Estes quatro acontecimentos são marcados por rituais

[36] Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/560/518<>. Acesso em: 7 set. 2013.

em quase todas as culturas e, num certo sentido, ‘simbolizam uma iniciação’.” (RODOLPHO, 2004, p. 142)[37].

Dessa forma, a partir dos estudos de Van Gennep, os rituais passam a ser considerados desde a sua constituição básica, sendo tipificados como ritos de separação, de margem e de agregação. Independentemente dos grupos sociais, segundo Arnold Van Gennep (apud RODOLPHO, 2004)[38], as fases são perceptíveis na maior parte dos rituais.

Gennep aproxima os ritos com o teatro, a partir das suas fases invariantes, “que mudam de acordo com o tipo de transição que o grupo pretende realizar” (apud MATTA apud RODOLPHO, 2004, p. 143).[39]

> Se o rito é um funeral, a tendência das sequências formais será na direção de marcar ou simbolizar separações. Mas se o sujeito está mudando de grupo (ou de clã, família ou aldeia) pelo casamento, então as sequências tenderiam a dramatizar a agregação dele no novo grupo. Finalmente, se as pessoas ou grupos passam por períodos marginais (gravidez, noivado, iniciação etc.), a sequência ritual investe nas margens ou na liminaridade do objeto em estado de ritualização (GENNEP apud MATTA apud RODOLPHO, 2004, p. 143).[40]

Como protótipo dos ritos de passagem, temos os ritos de iniciação que marcam a transição de um *status* social para outro. Porém, é importante destacar que os ritos de iniciação são mais que apenas um rito de transição: eles se configuram como um rito de formação diferenciando os membros “iniciados” dos ”não iniciados”.

3.2 Os rituais e o estudo da modernidade

A ideia central do ritual é a tradição: ela funciona como um mecanismo de preservação da memória coletiva e das verdades inerentes do que é reconhecido como tradicional. Mais ainda do que ser um mantenedor da cultura, é através do rito que a sociedade reforça a experiência cotidiana e refaz a ligação que une as

---

[37] Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/560/518<>. Acesso em: 7 set. 2013.
[38] Idem.
[39] Idem.
[40] Idem.

pessoas como comunidade. Porém, como tradição e forma de reconhecimento social, os rituais possuem linguagem e significação próprias.

Giddens (1994) explica que a linguagem ritualística é, por vezes, performática, o que pode confundir mesmo os ouvintes e falantes da língua nativa da comunidade. Para o autor, a “fala ritual é aquela da qual não faz sentido discordar nem contradizer – e por isso contém um meio poderoso de redução da possibilidade de dissensão.” (GIDDENS apud SILVA, 2005).[41]

Exatamente por conter essas informações próprias, o rito também possui uma figura-chave, o “guardião”, responsável por decodificar as linguagens e simbolismos presentes no rito para os demais membros da comunidade. O conhecimento do guardião é “revestido de mistério”, fundado na crença mística, inacessível ao homem comum. Eles são também conhecidos como sacerdotes ou xamãs.

Nas sociedades atuais, o ritual tem sido constantemente reinventado e reformulado e assim também acontece com a figura do guardião, que tem sido substituído pela figura do perito ou do especialista, de acordo com a teoria de Guiddens (1994). Como em todos os processos da vida, a modernidade também promoveu uma descontinuidade nos fluxos das tradições, rompendo com a ideia de comunidade (que passa a se tornar sociedade) e com a noção do poder encarnado na pessoa do sacerdote ou xamã (atualmente, dominação impessoal ou racional centralizada na figura do Estado).

Assim como nas comunidades, a tradição moderna também é excludente. Enquanto nas antigas civilizações, os guardiões possuíam os conhecimentos para “traduzir” a linguagem dos ritos aos leigos, nas sociedades modernas os peritos são quem detêm as formas de interpretação dos sistemas abstratos dos quais se depende. Porém, a diferença básica está na possibilidade de se adquirir esse conhecimento e também se tornar um perito.

---

[41] Disponível em: <http://www.espaçocademico.com.br/047/47/pol.htm>. Acesso em: 8 set. 2013.

3.3 Os rituais e a antropologia da performance

Turner dedicou o seu trabalho ao estudo dos rituais em publicações como *Floresta de Símbolos* (2005), *The drums of affliction* (1968) e *Revelation and Divination* (1975) que marcam o deslocamento conceitual do estrutural-funcionalismo rumo à análise simbólica e à abordagem processualista. Além disso, a riqueza e o ineditismo do trabalho de Turner se concentram na apreensão teórico-existencial do ritual.

No seu primeiro trabalho sobre os *lunda-ndembus* (sociedade que marca todo o estudo de Turner acerca dos rituais), o autor discorre sobre os tipos de rituais, havendo dois principais:

- Rituais de aflição: associam o infortúnio e a doença com a ação de espíritos mortos. O *chihamba* é um dos rituais de destaque, que abarca pessoas de ambos os sexos, tratando de doenças de maneira geral ou de desordens reprodutivas. “Os *lundas* diziam que *chihamba* era um ritual tão importante quanto *mukanda*, o rito de iniciação masculina, e que muita gente vinha participar dele.” (TURNER apud CAVALCANTI, 2007, p. 110).

- Rituais de crise de vida: consistem no *mukanda* (iniciação masculina), no *nkang’a* (iniciação feminina) e nos funerais.

Porém, é apenas a partir do seu segundo livro que Turner começa a elaborar um modelo de drama social, inspirado nas tragédias gregas, definido pelo autor da seguinte maneira:

> [...] uma sucessão encadeada de eventos entendidos como perfis sincrônicos que conformam a estrutura de um campo social a cada ponto significativo de parada no fluxo do tempo [...] representam uma complexa interação entre padrões normativos estabelecidos no curso de regularidades profundas de condicionamento e da experiência social e as aspirações imediatas, ambições ou outros objetivos e lutas conscientes de grupos ou indivíduos no aqui e no agora. (TURNER apud CAVALCANTI, 2007, p. 128).

O modelo de rito de passagem de Gennep, que pressupõe três momentos, se transforma, no drama social de Turner, em quatro: ruptura, crise e intensificação

da crise, ação reparadora e desfecho. Turner procura acompanhar os movimentos da vida social se interessando por:

> [...] momentos de suspensão de papéis, ou interrupção do teatro da vida cotidiana. Em instantes como esses – de *communitas* – as pessoas podem ver-se frente a frente como membros de um mesmo tecido social. Daí, a importância dos dramas sociais, e dos rituais que os suscitam (através de rupturas socialmente instituídas) ou deles emergem (como expressões de uma ação reparadora). No espelho mágico dos rituais, onde elementos do cotidiano se reconfiguram, recriam-se universos sociais e simbólicos. (DAWSEY, 2006, p. 18).[42]

Na segunda fase de seu estudo, o antropólogo começa a fazer uma passagem do ritual ao teatro, esboçando, dessa forma, uma antropologia da performance. O autor descreve cinco momentos que constituem a estrutura processual de cada experiência vivida:

- Algo que acontece ao nível de percepção (dor ou prazer são sentidos de forma mais intensa que comportamentos repetitivos).
- Imagens de experiência do passado são evocadas.
- Emoções relacionadas ao passado são revividas.
- O passado se articula ao presente tornando possível a descoberta e a construção de significado.
- A experiência se completa através de uma forma de “expressão”. Assim como em um ritual de cura, Turner encontra na performance uma maneira de lidar com a crise da nossa época e a dificuldade de significar o mundo.

Dessa maneira, as manifestações artísticas são as responsáveis por realizar a comunicação emotiva entre as partes fragmentadas de nós mesmos e nos constituindo como integralidades. É neste ponto que adquire importante significado a consciência de comunidade ou de coletividade. Afinal, se é por meio das artes que se pode expressar-se inteiramente, é somente por meio da coletividade que essa expressão artística adquire reconhecimento e cresce, fazendo com que os

[42] Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/campos/article/view/7322/5249>. Acesso em: 5 set. 2013.

envolvidos também se reconheçam e se identifiquem através das artes – ou através dos processos ritualísticos incorporados na teoria de Turner como “dramas sociais”.

Na visão de Turner, nos momentos mais críticos da sociedade, os “dramas sociais” tendem a aparecer com mais ênfase:

> Esse autor parece sugerir que, no processo da vida social, os dramas emergem demarcando a relação dialética entre ‘estrutura’ (que representa a realidade cotidiana) e antiestrutura (momentos extraordinários, definidos pelos ‘dramas sociais’). Nessa dialética social, o que evidenciou Turner é que em um determinado momento a estrutura institui a antiestrutura, de modo a produzir um efeito de distanciamento reflexivo sobre si mesma; em um segundo momento, a ‘antiestrutura’ tende a contribuir para revitalização da própria estrutura social. (SILVA, 2005).[43]

Pode-se compreender, dessa forma, que os “dramas sociais” permitem aos indivíduos ou aos grupos à margem da sociedade representar, simbolicamente, papéis que correspondam a uma posição invertida em relação à condição que possuem no quadro hierárquico. Ainda segundo o autor, nas sociedades modernas, os indivíduos possuem o livre-arbítrio para decidirem participar ou não de determinadas atividades culturais, através de um processo de escolha baseado na consciência individual, diferentemente das antigas comunidades em que a participação em um processo ritualístico era imperativo da ordem das representações coletivas.

Com seus estudos, Turner (1974) estabeleceu uma distinção entre as performances sociais (ritos como as peregrinações religiosas e/ou dramas sociais como as insurreições) e as performances estéticas (tais como os dramas sociais estético-teatrais). Assim, os eventos rituais e os dramas sociais se configuram, na verdade, como um espaço simbólico de representação da realidade social.

Para o estudioso, outra característica dos eventos simbólicos e culturais é a dimensão da criatividade, da reflexividade e da ruptura temporária do fluxo da vida social, o que tornam similares os conceitos de “fenômenos liminóides” e “fenômenos liminares”:

---

[43] Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/047/47pol.htm>. Acesso em: 8 set. 2013.

> Nas sociedades de pequena escala, como a *ndembu*, os ‘dramas sociais’ configuram ‘momentos extraordinários’ instituídos pela própria sociedade e que possibilitam aos atores sociais distanciarem-se da mesma e, de maneira reflexiva, lançarem um olhar mais crítico para realidade social, bem como ‘tomarem consciência’ dos conflitos, das contradições estruturais, dos problemas não resolvidos e suprimidos na realidade social. ‘Dramas sociais’ e ‘ritos de passagens’, portanto, seriam momentos nos quais os atores sociais se arriscam numa aventura ‘dramática’ – de representação de papéis e jogo simbólico – de ruptura e/ou inversão com a ordem estabelecida na vida cotidiana – porém, tendo como perspectiva, segundo o próprio Turner, a resolução dos conflitos a propósito da manutenção do *status quo*. (SILVA, 2005).[44]

Assim, a partir dos estudos de Turner, pode-se abrir um leque mais profundo de entendimento sobre a relação entre as artes e a tradição ritualística. Também é a partir das suas considerações que autores mais contemporâneos puderam fazer uma correlação entre expressões artísticas e reconhecimento como indivíduo e como membro de determinado grupo social, revalidando a importância das expressões artísticas tanto para as sociedades antigas (que os viam através de rituais ancestrais com a figura do xamã ou do sacerdote) como para as sociedades contemporâneas. Embora essas possuam a capacidade de escolher entre participar ou não, e entre se encontrar e se reconhecer ou não em determinadas atividades, a necessidade de dramatização e de reconhecimento do indivíduo como um ser comum ainda é extremamente necessária e atual.

3.4 Conceitos de liminaridade e *communitas*, segundo Turner

Segundo Victor Turner, Arnold Van Gennep mostrou que todos os ritos de passagem ou de transição caracterizam-se principalmente por três fases, sendo elas: separação, margem (ou *limen*, significando “limiar” em latim) e agregação (TURNER, 1974, p. 116):

> A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, que de um ponto fixo anterlo na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um ‘estado’) ou ainda de ambos. Durante o período ‘limiar’ intermédio, as características do sujeito ritual (‘o transitante’ são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consuma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de

[44] Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/047/47pol.htm>. Acesso em: 8 set. 2013.

> tipo claramente definido e ‘estrutural’, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições. (TURNER, 1974, p. 116 e 117).

Turner (1974) define a liminaridade como uma fase intermediária durante um rito, semelhante a um “renascimento”. Nela, o indivíduo se distancia primeiro para depois se reaproximar da comunidade em que está inserido (*communitas*) em uma nova posição de comando.

Em seu estudo, afirma que os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, misturando, portanto, o que é considerado “sagrado” e o “profano”. Para ele, pensando que as sociedades ritualizam as transições sociais e culturais, a liminaridade pode ser comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a m eclipse do sol ou da lua, por exemplo. (TURNER, 1974, p. 117).

Estes indivíduos, que ele chama de “entidades liminares”, não possuem *status* ou papel social dentro do grupo:

> Seu comportamento é normalmente passivo e humilde. Devem, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar punições arbitrárias, sem queixa. É como se fossem reduzidas ou oprimidas até a uma condição uniforme, para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar nova situação de vida. [...] Nas iniciações com longo período de reclusão, tais como os ritos de circuncisão de muitas sociedades tribais ou a entrada em sociedades secretas, há frequentemente uma rica proliferação de símbolos liminares. (TURNER, 1974, p. 118).

Durante o estado liminar, dado o distanciamento da estrutura, o indivíduo está situado, portanto, simbolicamente, ao mesmo tempo dentro e fora da sociedade e do tempo. Nessa fase aparece um segundo modelo de comunhão entre indivíduos iguais chamado de *communitas*.

O primeiro modelo, de acordo com Turner (1974), seria o da sociedade tomada com “um sistema estruturado, diferenciado e frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas”. Já o segundo, que surge no período liminar, é o da sociedade não estruturada (ou rudimentarmente estruturada), na qual estes indivíduos submetem-se em conjunto à autoridade geral dos “anciãos rituais”.

Para o antropólogo, “a liminaridade implica que o alto não poderia ser alto sem que o baixo existisse, e quem está no alto deve experimentar o que significa estar baixo” (TURNER, 1974, p. 119), ou seja, para que o indivíduo possa trocar de *status* dentro da comunidade em que está inserido, é necessário que se “humilhe”, que sua imagem seja “denegrida”, para assim possa demonstrar sua “força”.

Ainda segundo Turner (1974), as experiências de vida de cada indivíduo de uma sociedade, dentro de seus grupos e categorias específicas – que possuem seus próprios ciclos de desenvolvimento – faz com que os indivíduos estejam constantemente expostos aos conceitos de estrutura e *communitas*, estados e transições.

3.5 Diabos Mutantes: rituais urbanos hoje

A suspensão corporal, quando realizada pelas sociedades tribais é claramente um ritual. Dados os conceitos envolvendo as técnicas de suspensão corporal e a explicações que definem as principais características de um ritual, é possível traçar um paralelo entre a comunidade formada pelos Diabos Mutantes e as noções de ritual defendidas por Victor Turner, isto mesmo em uma sociedade muito mais evoluída tecnologicamente e que não respeite as tradições à risca. Como explica a teoria de Anthony Giddens (1994).

Embora a comunidade envolvida na suspensão corporal não possa ser considerada uma tribo urbana por sua heterogeneidade, como lembra Kemp (2005), é válido utilizar uma parte da teoria de Turner (1974) para exemplificar esta relação ritual/suspensão atualmente, com outro exemplo da sociedade ocidental: os *hippies*, segundo o teórico, optam por fugir da ordem social ligada ao *status* e valorizam mais as relações pessoais do que as obrigações sociais, considerando a sexualidade um instrumento polimórfico da *communita* imediata, ao invés de toma-la por base para um vínculo social estruturado e duradouro:

> A acentuação dada pelos ‘*hippies’* à espontaneidade, ao imediatismo, e à ‘existência’ põe em relevo um dos sentidos em que ‘*communitas’* contrasta com a estrutura. A ‘*communitas*’ pertence ao momento atual; a estrutura está enraizada no passado e se estende para o futuro pela linguagem, a lei e os costumes. [...] torna-se claro que as dimensões coletivas, a

> *'communitas'* e a estrutura, devem encontra-se com todos os estádios e níveis da cultura e da sociedade. (TURNER, 1974, p. 138).

Embora também a sexualidade não seja um ponto de discussão relevante no objetivo deste trabalho, é possível fazer uma comparação da *communita* (que também pode ser chamada de "sociedade aberta") dos *hippies* e a *communita* que forma a equipe Diabos Mutantes – ambas fogem aos traços da estrutura e confrontam o sistema de posições sociais, trazendo principalmente as características durante os rituais, como: igualdade entre os indivíduos, transição, ausência de *status*, ausência de propriedade, humildade, silêncio, suspensão dos direitos e obrigações e aceitação de dores e sofrimentos.

A respeito destas características específicas, é possível perceber que existe essa relação com o grupo a partir dos depoimentos cedidos pelos integrantes Nathalia Soares e Robson Nagata. Ambos descrevem, por exemplo, que não só a dor e o sofrimento, bem como as marcas, fazem parte da suspensão. Há também, na entrevista dos membros, a questão do momento durante a subida das cordas que significa o silêncio, a humildade, a falta de *status* e a então preparação para a transição. A transição, no caso dos Diabos Mutantes, refere-se à possibilidade de realizar novos desafios, ou seja: variações e tipos de suspensões mais difíceis, complicadas que apenas pessoas experientes estão aptas a realizar.

Não existe dentro do grupo Diabos Mutantes uma regra – de quando a suspensão deve ser realizada ou o porquê de um procedimento ou reunião acontecer. Cada participante interessado realiza as suspensões quando tem vontade, dentro do seu tempo, como levantado na seção 3.2.1. A escolha para a realização, ou não, é pessoal. Entretanto, dentro do grupo, as suspensões corporais acontecem com mais intensidade e maior grau de dificuldade à medida que o indivíduo demonstra capacidades importantes para a continuidade do grupo, como explica Kemp (2005) ao abordar os rituais de passagem que marcam a transição de uma condição a outra, como acontece nas sociedades tradicionais.

Segundo Pires (2005), determinados rituais da cultura *mod* marcam de forma inequívoca e despertam a conscientização e o reconhecimento, por parte do próprio indivíduo e dos outros, da sua nova condição.

É como se o indivíduo, ao se mostrar mais forte, pudesse mudar de nível e realizar suspensões com maior grau de dificuldade. No início, a maioria dos praticantes de suspensão do grupo Diabos Mutantes começaram com modalidades como o *Suicide Suspension* e a *Knee Suspension,* consideradas mais fáceis; com o tempo, passaram para outras mais difíceis, como a *O-Kee-Pa* e a *Ressurrection*.

> Embora nem todos os integrantes dos *modern primitives* acreditem, como Fakir, em reencarnação e vidas passadas e futuras, todos veem o corpo como um local habitado pela mente e pelo espírito. A certeza de que não se é corpo e sim que se está no corpo, intrínseca à já citada capacidade de alteração de consciência, muda o enfoque que se tem sobre este de definitivo para temporário e dá ao indivíduo maior liberdade para executar diferentes alterações corporais. (PIRES, 2005, p. 114).

No início desse resgate para os dias de hoje, Fakir Musafar, por exemplo, começou com a preocupação constante de embutir o caráter ritualístico em suas práticas de modificações corporais ou, como ele as chama, de “jogos com o corpo” (PIRES, 2005):

> Para ele, toda e qualquer alteração corporal é resultante de um desejo proveniente de uma memória ancestral. As marcas feitas no corpo resgatam conhecimentos primordiais e estabelecem uma ligação tátil e visível entre o indivíduo e o cosmo. O ato de executá-las, que obrigatoriamente envolve a manipulação – logo, a tomada de consciência, por parte do indivíduo, do seu próprio corpo – faz com que surjam pontes entre o real e o imaginário, e entre diferentes tempos e realidades. As pensar nas marcas corporais como uma forma de o indivíduo conectar-se ao universo, parece-nos lógico e pertinente que estas sejam feitas exatamente no órgão que delimite esses dois espaços: a pele. (PIRES, 2005, p. 105-106).

Como abordado no capítulo anterior, os rituais de passagem fazem parte, seja como for, de qualquer sociedade, das pré-letradas ou as do mundo atual. Segundo Pires (2005), nas sociedades pré-letradas os rituais deveriam seguir necessariamente alguns preceitos, sendo eles: ser uma coisa física, causar dor, verter sangue – mesmo que em pequena quantidade – e deixar uma marca no corpo:

> Essa marca será o registro, a referência da passagem, a lembrança física que fará o indivíduo ter sempre em mente sua nova condição. Dentre esses preceitos, para os *modern primitives* somente o item referente ao sangue, que antes simbolizava a vida e agora é relacionado à morte (Aids) deixa de ser um requisito básico. [...] Uma das principais diferenças entre as manipulações corporais praticadas pelas sociedades tribais e as praticadas pelas sociedades urbanas, é a relação que ambas estabelecem entre o tempo (momento em que a marca é feita e razão (motivo pelo qual a marca é feita). [...] Na nossa sociedade, mais marcas pessoais são adquirias pelo indivíduo no momento em que este se sente preparado para recebê-las. [...] De modo geral, podemos dizer que, nas sociedades pré-letradas o ritual se dá na maioria das vezes, depois do fato consumado e serve como registro

> do ocorrido. Em outras palavras, os indivíduos registram no corpo o que já aconteceu; trata-se de um registro histórico, que ajuda a criar a identidade. (PIRES, 2005, p. 126-128).

A nova condição descrita por Pires (2005) refere-se às novas possibilidades da mudança de *status* explicada por Turner (1974): além de dificultar o grau das suspensões, o indivíduo ganha respeito, integra-se cada vez mais ao grupo.

Todo ritual é praticado, com algumas exceções mais técnicas, no que diz respeito ao que hoje em dia é necessário quanto à higiene e à segurança física dos suspensos e dos profissionais que realizam as suspensões. Da mesma forma, como descrito por Pires (2005), acontece certa liberdade de escolha: os membros apenas suspendem quando se sentem à vontade para realizar a prática.

Como descrito por Kemp (2005, p. 26):

> [...] as tradições coletivas de modificação corporal que expressem essa trajetória pessoal e o desenvolvimento bio-psico-social dos indivíduos ainda podem ser encontradas na sociedade contemporânea, apesar de nossa concepção 'nativa' de corpo ser bastante diferente das sociedades tribais.

Mesmo assim, há, entretanto, nos Diabos Mutantes uma questão de individualidade, independente da comunidade. Kemp (2005) afirma que, em grupos orientados pela tradição, não existe a mesma concepção de identidade como individualidade, arbítrio pessoal ou características insubstituíveis:

> Os 'primitivos modernos' se apropriam dos rituais de modificação corporal a partir do referencial individualista de propriedade sobre um corpo que é único, insubstituível, passível, portanto, de interferências ditadas pela vontade pessoal. [...] Não existe, por parte dos envolvidos, qualquer preocupação em 'manter tradições', ou de como essas práticas se relacionam em sua origem a outros fatos e representações como mito e ritual. A tradição é apropriada e evocada agora como expressão de ruptura, discordância dos padrões de embelezamento e representações tão bem apropriadas pelo mercado da beleza e do consumo da individualidade. (KEMP, 2005, p. 62- 63).

Para a estudiosa, quando reapropriada dentro de um novo contexto cultural, a tradição adquire novos sentidos, novas possibilidades de usos e representações.

Durante um ritual de suspensão no Diabos Mutantes, pode-se analisar, segundo o conceito de liminaridade utilizado por Turner (1974) um procedimento da seguinte forma: o indivíduo passa pela fase limiar durante a suspensão. No momento em que o indivíduo está no ar, ele sai de sua estrutura social e depois

retorna com um novo *status*. O procedimento em si é a fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação em que as características dessa pessoa suspensa são ambíguas, no momento em que o indivíduo está transitando entre o “sagrado” e o “profano”.

Entretanto, é necessário esclarecer que, para a reapropriação, como descrito por Kemp (2005) perdem-se as referências ao “sagrado” e ao “profano”, reformulando, portanto, as práticas do grupo para uma nova forma de ritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Meus pés já não podem tocar o chão
> Sangrando aos poucos me sinto vivo
> Que o tempo carregue os relógios
> Pois deles eu já não preciso
> Vou me desprender deste mundo
> E vou flutuar nos sentidos
> Voar, vadiar e sonhar... Tudo agora é possível
> Os ganchos levaram as verdades... Me sinto livre.
> (Wile Ortros, 2011) [45]

Os rituais criados pelas sociedades tradicionais, como as tribos Mandans e Sioux, inspiraram a realização de suspensões corporais na sociedade ocidental. Atualmente, a prática é rotina de grupos e entusiastas – principalmente na comunidade da modificação corporal, em todo o mundo. A equipe Diabos Mutantes, em específico, principal objeto de estudo para este trabalho, traz algumas particularidades específicas que motivaram a realização da dissertação.

Dentro de uma abordagem que vai muito além da diversão entre amigos com interesses em comum, o grupo traz características de rituais em algumas instâncias para a realização das reuniões de suspensão, porém perde algumas referências que remetem às tradições, segundo a proposta de Turner (1974).

Ao analisar os Diabos Mutantes segundo Turner (1974), pode-se inserir a comunidade Diabos Mutantes no conceito de *communittas*, que nada mais é do que um relacionamento entre seres humanos plenamente racionais, cuja emancipação temporária de normas socioestruturais é um assunto de escolha consciente (TURNER, 1974).

Dentro do grupo, os membros são as “entidades liminiares”, que passam por uma fase intermediária durante os ritos, no caso os momentos de estar suspenso, de se sentir só no ar, de “sair de órbita”.

No estado liminar, há o estado de comunhão ou comunidade, de indivíduos iguais (*communittas*). É possível perceber que, nas suspensões corporais coletivas, por exemplo, essa relação de *communitta* aparece reforçada.

---

[45] Disponível em: <http://wileortrosmusicas.blogspot.com.br/2011/06/suspenso.html>. Acesso em: 28 dez. 2013.

Durante a suspensão corporal, o indivíduo ficaria, portanto, desprovido de status. Após sua volta ao chão, o indivíduo volta a se integrar à sociedade da modificação corporal tendo, portanto, uma nova posição, que o qualifica positivamente perante o grupo: isso acontece dentro do Diabos Mutantes quando o suspenso pode então experimentar outros tipos de suspensões, mais difíceis e delicadas, ganhando assim o respeito dos demais integrantes do grupo e mais "poder" dentro dele. O retorno ao chão, após o ato, seria, portanto, aos olhos do grupo, o momento após a "humilhação" (suspensão), que demonstra a força.

Nos eventos realizados pelos Diabos Mutantes, a comunidade criada por eles é uma espécie de sociedade alternativa, que não deixa de existir mesmo quando não estão reunidos. Pode-se dizer que as suspensões corporais dentro da atualidade, com o grupo Diabos Mutantes, são rituais no que diz respeito aos conceitos de liminaridade e *communita*. Entretanto, devido às mudanças culturais e sociais, perde-se o culto e a definição do que seria sagrado e o que seria profano.

Há ainda, antes, durante e depois as seções rituais, uma característica essencial para a realização, como descritas tanto por Pires (2005) quanto por Turner (1974), que reforçam a ideia de *communita*: o confronto com o sistema de posições sociais, fugindo aos traços da estrutura, e trazendo assim, a necessidade da aceitação de dores e sofrimentos (que acarretam na normalidade dos integrantes do grupo em passar pela dor, pela necessidade de verterem sangue e a gostarem das próprias marcas).

Dessa maneira, foi possível entender que, apesar de fugir da tradição, a suspensão corporal na contemporaneidade expressa características bem próximas dos primeiros rituais realizados, não só em relação à técnica, como também em relação às motivações.

Mesmo que a escolha de praticar a suspensão seja pessoal, diferente do que acontece nas sociedades tradicionais descritas por Giddens (1994), o nível das suspensões realizadas pelo praticante aumenta conforme sua capacidade é comprovada perante o líder e demais membros do grupo, o que a caracteriza como ritual.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, M. L. V. C. Drama Social: notas sobre um tema de Victor Turner. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007.

FARRINGTON, Karen. História Ilustrada da Religião. Título original: Hamlyn History Religion. Marta Montes (Trad.). São Paulo: Manole, 1999.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: **Modernidade Reflexiva**: Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

_____. **Política, Sociologia e Teoria Geral**. São Paulo: Unesp, 1994.

HOEBEL, E. Adamson; FROST, Everett L. **Antropologia Cultural e Social**. Título original: Cultural and Social Antropology (1981). Euclides Carneiro da Silva (Trad.). São Paulo: Cultrix, 2006.

KEMP, Kenia. **Corpo modificado, corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

LÍRIO, Daniel Rodrigues. **Suspensão corporal**: Novas facetas da alteridade contemporânea. São Paulo: Annablume, 2010.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PERNIOLA, Mario. **Pensando o ritual:** Sexualidade, morte, mundo. Tradução: Maria do Rosário Toschi. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac, 2005.

TOSTA, Lena Tatiana Dias. 2006. Disponível: <http://juliano.multiculturas.com/ textos/LTosta_hordas_santos_loucos.pdf>. Acesso em:

TURNER, V. **O Processo Ritual**: Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis: Vorazes, 1974.

VALLE, Gabriel. **Filosofia indiana**. São Paulo: Loyola, 2007.

Trabalhos acadêmicos:

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da pele**: um olhar antropológico sobre a *body modification.*Campinas (SP). 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado) Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2006.

Eventos:

DUARTE, A. B. G. Antropologia da Performance: a liminaridade e as contradições do social. **Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas**. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

Imagem em movimento:

UM HOMEM Chamado Cavalo (*A Man Called Horse*). Direção: Elliot Silverstein. Produção: Frank Brill e Sandy Howard. Intérpretes: Richard Harris; Judith Anderson; Jean Gascou e outros. Roteiro: Jack DeWitt e Dorothy M. Johnson; Música: Leonard Rosenman e Lloyd One Star. Estados Unidos: CBS Home Entertainment, 1970. 1 DVD (114 min.) widescreen, color. Gravadora Continental. Baseado no livro *Indian Country*, de Dorothy M. Johnson.

Meio eletrônico:

BMEzine. **Body Modification Ezine**. Disponível em: <http://www.bme.com/>. Acesso em: 9 set. 2013.

DANCES SACRED & PROFANE. **Documentário**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIhbG7MgH_0&list=PLMt-u0Nk7cG4p23IlaHimPz9C71irReec>. Acesso em: 20 dez. 2013.

DAWSEY, J. C. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. **Campos – Revista de Antropologia Social**. São Paulo, vol.7, n.2, p.17-25. 2006. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/campos/ article/view/7322/5249>. Acesso em: 5 set. 2013.

DIABOS MUTANTES. Disponível em: <https://www.facebook.com/diabosmutantes>. Acesso em: 5 set. e 20 dez. 2013.

FRRRKGUYS. **FrrrkGuys**. Disponível em: <http://frrrkguy.com/>. Acesso em: 9 set. 2013.

GLOBE SPOTS. **Festival Katagarama**. Disponível em: <http://www.globespots.com/pictures/gallery/kataragama_festival/kataragama_festival_5.jpg>. Acesso em: 13 dez. 2013.

_____. _____. Disponível em: <http://www.globespots.com/photogallery.php?photogallery=kataragama_festival>. Acesso em: 13 dez. 2013.

HOUAISS. **Definição de aculturação**. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 3 ago. 2013.

MUSAFAR, Fakir. **About Fakir Musafar**. Disponível em: <http://www.fakir.org/aboutfakir/>. Acesso em: 13 dez. 2013.

_____. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/fakir.musafar1>. Acesso em: 13 dez. 2013.

_____. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-s9mJjSfh2ro/T8g0Dbck7bI/AAAAAAAABoA/xSwybuTcPCo/s1600/Fakir+Musafar.PNG>. Acesso em: 15 dez. 2013.

_____. 17/3/2006. Disponível em: <http://www.spokeo.com/Fakir+Musafar+1/Mar+17+2006+Other+Photos# 9692351:53943261>. Acesso em: 13 dez. 2013.

O EDUDITO. ago.2010. Disponível em: <http://lvwitania.files.wordpress.com/2010/08/sundancepole.jpg>. Acesso em: 13 dez. 2013.

ORTROS, Wile. **Suspenso**. jun.2011. Disponível em: <http://wileortrosmusicas.blogspot.com.br/2011/06/suspenso.html> Acesso em: 28 dez. 2013.

RODOLPHO, A.L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão bibliográfica antropológica. **Revista Estudos Teológicos**. Vol. 33, n. 3. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560/518>. Acesso em: 7 set. 2013.

SADHUS INDIANOS. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_fD9G5Nf7Sso/S9OCyHk-01I/AAAAAAAAD0I/ 5T7uQtUiLss/s1600/sadhus_sm.jpg>. Acesso em: 13 dez. 2013.

SILVA, A. O. Anotações sobre a modernidade na obra de Anthony Giddens. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 47. Abril de 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/047/47pol.htm>. Acesso em: 8 set. 2013.

SUSPENSION POSITIONS. 9/2/2013. Disponível em: <http://news.bme.com/2013/02/09/suspension-positions-chart/> Acesso em: 15 dez. 2013.

FREAKBOY. Disponível em: <https://fbcdn-sphotos-h-a.akamaihd.net/hphotos-ak-prn2/t1/250140_136491873103400_4061428_n.jpg > Acesso em: 20 dez. 2013.

ANEXO A – Entrevistas

ENTREVISTA
ANGELO MARTINEZ – LÍDER DA EQUIPE DIABOS MUTANTES

Nathalia Abreu: Quando e como surgiu os Diabos Mutantes?

Angelo Martinez: Em 2005, eu e o Jimi começamos a ver suspensões de perto. O Till e o Pinguim (apelidos de nossos mentores) nos ensinaram tudo o que sabíamos. Acompanhamos aproximadamente cinco suspensões. Nas duas ou três primeiras fomos apenas como espectadores. Da terceira em diante, acompanhamos mais algumas. Começamos a ajudar segurando o tecido (pele), arrumando bancada e puxando a corda. Era bem um auxílio mesmo. Em 2006, já tínhamos acompanhado várias suspensões, algumas no Tatuapé (bairro da capital paulista) com dois amigos nossos, o Mineiro e Dil. Nessa ocasião, ajudei a fazer marcação na pele. Em 4/5/2006 fizemos nossa primeira suspensão sozinhos. Foi em mim – foi meu primeiro *Suicide*. Era a primeira vez que eu era suspenso, e ao mesmo ajudava a suspender alguém. A gente tinha o material básico: quatro ganchos, quatro agulhas americanas que compramos, alguns metros de corda, aquela polia velha de levantar lata de pedreiro e a vontade de fazer. O Jimi marcou minhas costas e fizemos todo o procedimento de acordo com as experiências e instruções básicas que tivemos com nossos mentores. Na verdade, essa suspensão estava marcada para o dia 28 do mesmo mês com eles, mas nossa vontade era tanta e estávamos tão afobados com o material na mão, que acabamos fazendo pelo impulso com a presença de amigos. Um tio do Jimi ajudou na corda. A Heide, esposa dele que é também enfermeira, ajudou na perfuração e segurou a pele para o Jimi passar a agulha. A Mariene, minha esposa, filmou tudo. No final, eu fiquei mais ou menos uma hora suspenso! Foi bem divertida a minha primeira vez, bem satisfatória. Ficamos tão felizes com o resultado que fizemos a segunda suspensão, em menos de 20 dias... Desta vez, eu perfurei o Jimi. Os presentes nunca tinham visto alguém segurar outra pessoa, fazer a pressão de outro corpo na suspensão. O Jimi me chamou, balançou o teto, anarquizou! Foi muito boa também! Ele me chamou, me segurou no ar... Foi daí então que o Pinguim e o Till falaram: “Vocês viraram dois monstros! Nós não vamos

mais continuar; vocês seguem aí a fazer as suspensões; estamos cansados e vocês já aprenderam o que tinham que aprender. Deem continuidade". Depois disso subi pelo joelho e me saí bem pra caramba. Fiquei mais ou menos 20 minutos pendurado, balancei, brinquei bastante. Depois disso, demos continuidade ao trabalho e começamos a chamar a galera pra fazer com a gente. Era praticamente na mesma intensidade que hoje: todo mês fazíamos duas ou três.

NA: Como surgiu o nome do grupo – Diabos Mutantes?

AM: A gente (eu e o Jimi) escutava muito a banda Zumbis do Espaço na época. Esse era o nome de uma música, que gostaríamos de colocar no estúdio de tattoo. Como é um nome pesado, no modo de ver das pessoas de fora e lá trabalhamos com público, achamos que não ficaria legal; os clientes se intimidariam a entrar. Acabamos colocando o nome do estúdio de New Hope Tattoo, bem mais suave, e o nome da equipe de suspensão de Diabos Mutantes. Na verdade, no começo não existia uma equipe: era eu, o Jimi e a galera em volta que sempre acompanhava. A Mari sempre filmando e tirando foto; a Heide, que por mais que não gostasse que o Jimi fizesse suspensão, estava junto conosco em várias ocasiões com a luva na mão, sempre segurando o tecido, auxiliando nas perfurações.

NA: E ao longo do tempo, como foi? Vocês aumentaram a intensidade, ficou mais ou menos recorrente?

AM: Parar não, mas no final de 2007 fizemos um intervalo e ficamos um bom tempo sem fazer frequentemente. O Jimi foi embora para o Mato Grosso e nós dois nos desligamos um pouco. Ele parou de fazer mesmo depois que voltou; conheci então outras pessoas da área, como o Dark e o Gordex, que além de atuarem na modificação corporal também praticavam a suspensão.

NA: Nessa época você já conhecia esse pessoal?

AM: Não, eu fui conhecendo aos poucos e em diferentes situações (suspensões que assistia). Eu sempre fico na ativa, tento recrutar pessoas novas. O resto da galera deu uma parada nos últimos tempos. Eu sempre viajo para divulgar nosso trabalho, conhecer pessoas novas da área... Suspendi em Goiânia (GO) com o Gibi, por exemplo. Aqui em Mairiporã (SP), eu sempre juntava uma galera pra ir lá suspender; hoje em dia estamos na *ativa master*.

NA: Queria que você falasse um pouco sobre as influências que tiveram para criar a equipe, e também sobre as que têm até hoje (pessoal de fora do país, ou até do Brasil mesmo).

AM: Aqui no Brasil, como eu falei, tenho o Till e o Pinguim, que me ensinaram. Eu também assistia muito o Neto, que já suspendia, e o Garcia. Um dos primeiros caras que vi suspender também foi o Roberto Medeiros, o "Lagartixa", que é um cara que sumiu da cena, nunca mais ouvi falar. Acho que eu o vi uma vez no programa de televisão *"Noite a Fora"* suspendendo. Nessa época eu ainda não estava na atividade; não estava aprendendo, mas eu já gostava e via esses caras fazendo. Outra pessoa é o Emilio Gonzalez, da Venezuela: sempre me inspirei bastante nele, via as suspensões dele. Aqui do Brasil, um dos caras da época que eu não fazia ainda, o Valnei que começou em 2003, o Felipe da New Art, que fazia Suscon (um evento de suspensão corporal) e suspendia muita gente que eu acompanhava, como o João Caldara, Felipe Klein, Valnei. Duas pessoas que eu nunca tive muito contato também são o Gastão e o Leguminoso, que vieram antes do Valnei ainda. Fora do Brasil, eu me inspirei mais na galera do *Freak Show,* como o grupo *Circus Shows*; eu acho absurdo, gosto muito deles! Vejo os vídeos até hoje! Na atualidade, dos caras que suspendem lá fora, a minha maior inspiração é o grupo russo *The Sinners Team*: os caras inovaram muito a suspensão!

NA: O que vocês fazem de diferente para inovar a equipe e as técnicas de suspensão em si?

AM: Inovamos quanto ao material, principalmente. Quando começamos, o material era muito cara, nós não tínhamos dinheiro, e à época era bem rústica. Hoje em dia temos polia de escalada de rapel e placas de ancoragem modernas. Nós temos também os *frames* grandes e pesados feito em serralherias. Vira e mexe, eu uso porque acho que é *roots,* veio da nossa história, então eu não vou abolir de vez. O material de rapel inovou muito na segurança, na qualidade e no transporte; fica muito mais fácil agora pra carregar, viajar, ir para outras cidades, como eu fui pra Brasília (DF), para Jundiaí (SP)... Em matéria de suspensões diferentes, fizemos algumas que o pessoal não está muito acostumado. Uma delas foi um *spinning beam* feito pelo joelho. Nessa ocasião, colocamos três pessoas no ar, penduradas por um mesmo "varal", o que é bem diferente do *spinning beam* tradicional, que normalmente é feito apenas com duas pessoas (uma em cada ponta), com *suicide*

(pelas costas). Já fiz uns três ou quatro tipos de suspensão que a galera não faz muito aqui no Brasil. Fiz um *totem (*que em inglês chama-se *tandem),* em Brasília pela primeira vez. Consiste em uma suspensão com duas pessoas ou mais, na qual um está pendurado por ganchos e segura outra, mais ganchos. Um fica em cima e o outro embaixo, por exemplo. Foi um teste pra mim, pra ver como seria a interação entre tecido, gancho, corda, preparação. Depois eu trouxe a ideia para São Paulo, passei o que queria fazer para o Doug, que está hoje comigo na equipe. Ele gostou e topou fazer. Foi muito melhor, muito mais rápido. Ele se saiu muito melhor do que eu, apesar de ser um cara iniciante na suspensão! Talvez seja pelo fato de eu transmitir antes a segurança de já ter feito e explicado tudo pra ele. Eu não tive isso quando fiz; foi praticamente fazer uma primeira suspensão... O Valnei fez as perfurações em mim, mas ele tinha feito uma experiência parecida que não deu certo. A pessoa que estava embaixo não se sentiu bem. Eu acho que no Brasil, efetivamente, nós fomos os primeiros a fazer suspensão em conjunto, um segurando o outro, eu e o Doug. A gente pretende fazer uma suspensão em conjunto, além de outras mais ousadas. Também por aqui, não havíamos visto ainda suspensão pelo ombro. Focamos na divulgação via Facebook, pois ainda não estamos com o site pronto. Também fizemos camisas da equipe, com a logomarca e outras estampas relacionadas. Eu acho que isso foi uma coisa que divulgou muito o nome. O pessoal novo que hoje está do meu lado (o Doug, a Nathalia, o Nicolas) ajuda com os materiais e acho que isso influenciou mais na divulgação da equipe, bem como minha empolgação de manter isso e levar adiante. Confesso que em 2009 eu estava meio desanimado porque o pessoal recuou e não tínhamos parceiros para levar adiante. Eu estava sozinho para comprar material novo, para fazer evento, e tirar isso do bolso sozinho não tem condições.

NA: Cresceu também a procura de gente de fora para suspender?

AM: Fizemos algumas do pessoal de fora. As pessoas sempre me procuram querendo fazer, mas poucas fecham. A procura é grande, mas no final poucos realmente fazem.

NA: Tem outras equipes em São Paulo? Se sim, qual é o diferencial do Diabos Mutantes?

AM: Em São Paulo tem o pessoal do *Freakcon*, que faz a Virada Cultural e que eu participei em 2010. Eu acho que como equipe, a nossa ousadia que é maior em relação às suspensões. Em território nacional, o pessoal de Minas Gerais está em atividade também. Eles começaram há pouco tempo uma equipe chamada *Uai Fly Suspension,* que está bacana. Em Brasília, tem o Eduardo Bess como linha de frente, que tem um bom tempo de suspensão também. No Recife, tem o Valnei, que fez e continua fazendo várias suspensões lindas, mas trabalha por conta. Ele promovia um evento chamado *Interhook,* mas infelizmente acabou desistindo desse projeto.

NA: Quantas pessoas fazem parte hoje dos Diabos?

AM: Como eu falo sempre, todos que estão suspendendo ou ajudando direta ou indiretamente são Diabos Mutantes, mas que eu considero que são mesmo a equipe algumas pessoas que estão sempre próximas hoje. São aproximadamente umas 10 pessoas. Nós temos também o auxílio do Maurício: sem ele não teríamos feito inúmeras suspensões, como uma na quadra de uma escola. Ele vem ajudando com esse material inovador de rapel e com os conhecimentos, dá muitas dicas de amarração e tudo mais. Ele nos procurou na Virada Cultural de 2010 e veio falar comigo sobre sua vontade de suspender. Contou que era professor de rapel e escalada há 25 anos e sempre ouve falar de coisas erradas que às vezes aconteciam na suspensão corporal... Nisso rolou uma troca. Após o evento, ele entrou em contato comigo, veio até o estúdio, e já me ensinou algumas coisas. Foi o cara mais velho que eu suspendi, com 51 anos, e eu achei muito legal! Ele até falou que éramos a única equipe de suspensão do Brasil com um instrutor de rapel lado a lado. Fez um *suicide* em sua primeira, e já pretende fazer a próxima pelo joelho.

ENTREVISTA

NATHALIA SOARES – INTEGRANTE DA EQUIPE DIABOS MUTANTES

Nathalia Abreu: Como e há quanto tempo você começou a fazer suspensão corporal?

Nathalia Soares: Eu comecei a fazer por curiosidade e porque parecia interessante. A primeira vez que eu fiz, tinha 18 anos, agora tenho 21.

NA: O que é a suspensão corporal para você?

NS: É um modo de superar meus limites, tanto na parte física quanto no psicológico. Também é algo que me deixa em paz. Sinto-me extremamente leve e tranquila após o procedimento.

NA: Quais são as sensações (antes, durante e depois do ato)?

NS:

Antes: sempre fico com medo e com frio na barriga, mesmo que eu já tenha feito aquela perfuração antes, afinal, tudo ao redor influencia no resultado da suspensão.

Durante: No momento de puxar a corda eu fico extremamente concentrada e não presto mais atenção em nada ao meu redor, pessoas, sons etc. Assim que a pele é puxada, sinto um pouco de dor (que passa rapidamente) e depois fico bem aliviada de ter conseguido fazer o que eu queria. Assim que eu fico estável eu me foco em superar alguns limites, por exemplo: ficar mais tempo suspensa, balançar bastante, mover os braços e pernas...

Depois: é uma sensação ótima, sempre fico feliz por ter superado algo novo e me sinto bem comigo mesma.

NA: Quais posições você já realizou?

NS: Suicide, knee (4 e 3 perfurações), spinning beam, totem, ressurection (4 e 2 perfurações), antichrist (4 e 2 perfurações) e ombros.

NA: Fale um pouco sobre sua primeira experiência e como decidiu continuar em frente.

NS: Eu estava bastante ansiosa e com um pouco de medo, afinal eu nunca tinha passado por nada parecido (suspensão é muito diferente de qualquer modificação corporal). A minha primeira vez foi ótima, fiz um suicide de dois pontos (duas perfurações). Mas, como eu estava muito ansiosa, a minha pressão caiu um pouco (coisa que aconteceu mais uma ou duas vezes). Como eu gostei bastante do que senti, achei que era mais do que certo continuar fazendo suspensões.

NA: Você realiza algum tipo de preparo (físico, psicológico) antes das suspensões?

NS: Sempre evito beber na semana em que vou suspender. Isso realmente afeta bastante. Também tento fazer uma dieta mais regrada e, claro, ter uma boa noite de sono!

NA: O que você sente em relação aos ferimentos em cada suspensão? Como é essa relação com a dor para você?

NS: Eu acho normal, é algo que faz parte do ritual, eu adoro as marcas que tenho!

NA: Quais são as suas principais motivações para realizar as suspensões corporais?

NS: Superar meus limites físicos e psicológicos.

NA: Cada uma delas tem um sentido individual? Explique.

NS: Não, eu faço isso porque eu acho interessante testar os meus limites. A sensação da superação é ótima. Faço isso por mim.

NA: Quantas vezes você faz suspensão por semana/mês/ano? Se não existir uma regra de período, data, como vocês se organizam?

NS: Houve uma época que eu me suspendia, pelo menos, uma vez por mês.

NA: Como é sua vida normalmente e como concilia suas experiências de suspensão corporal? Há relação entre suas atividades diárias (trabalho, estudos) e a suspensão, por exemplo?
NS: Eu sou cozinheira. A suspensão é um passatempo meu, não tem nenhuma relação com o meu trabalho.

NA: Considera seu corpo um objeto /ou ferramenta para a arte?
NS: Claro!

NA: Seu fascínio por essa técnica tem limite? Qual seria seu limite?
NS: Depende muito da época e das conversas que tenho sobre o assunto com outras pessoas. Às vezes aparece algo novo, que eu morro de vontade de fazer, não sei dizer se tenho algum limite.

NA: Quais são os seus conhecimentos sobre as técnicas primitivas que deram origem à suspensão corporal? Você tenta, de alguma forma, representar os mesmos elementos dos rituais originais?
NS: Eu conheço um pouco sobre o assunto, mas não muito. Acho muito interessante e realmente eram rituais lindos. Acho triste que hoje em dia tem muita gente nova querendo fazer porque está empolgada, e não porque entende bem o sentido disso tudo.

NA: Você acredita que pelo fato de as suspensões hoje terem perdido as características rituais, perderam também o sentido para a realização ou as motivações são outras?
NS: Isso é muito relativo. Cada pessoa faz por um motivo. Há quem faça para ganhar dinheiro, *status*, fama etc. Mas também há quem faça pelo ritual em si, pelas pessoas que estão próximas, pelo local escolhido. Neste caso, eu não acho que foi perdido o "ritual", apenas a situação é diferente e não é algo que é necessário, a pessoa fará porque ela quer (o que eu acho que garante melhor proveito).

NA: Durante a realização de uma suspensão, qual é a sua relação com as outras pessoas presentes no local?
NS: Eu gosto de estar com pessoas que me fazem bem e que eu me sinta segura.

NA: Como e quando você passou a fazer parte do grupo Diabos Mutantes?
NS: A partir da minha primeira suspensão.

NA: O que é, exatamente, a equipe para você?
NS: A equipe é algo que representa muito para mim. Graças a essas pessoas que eu comecei a suspender!

NA: Qual é sua relação com o grupo de pessoas que fazem parte do Diabos Mutantes?
NS: São pessoas muito importantes porque sem eles isso não existiria, eu acho importante estar perto de pessoas que fazem você se sentir seguro no momento da suspensão. Além disso, somos amigos e conversamos sobre outros assuntos também!

NA: Como você vê e qual acredita que seja a posição do Diabos Mutantes hoje, dentro deste mundo?
NS: O DM ajudou bastante a inovar a suspensão humana no Brasil. Fizemos muitas coisas novas!

NA: Qual relação você acredita (pessoalmente) que existe entre a comunidade ligada à modificação e à suspensão corporal?
NS: Suspensão é algo que nem todos têm coragem de fazer, normalmente as pessoas ligadas à modificação têm menos "medo", por isso essa ligação. Mas, claro, que há exceções e há pessoas que não têm nenhuma modificação (às vezes nem mesmo tatuagem ou piercing) e que têm vontade de passar pela experiência!

ENTREVISTA
ROBSON NAGATA – INTEGRANTE DA EQUIPE DIABOS MUTANTES

Nathalia Abreu: Como e há quanto tempo você começou a fazer suspensão corporal?

Robson Nagata: Bem, eu já tinha vistos vídeos de suspensões. Logo em seguida conheci o Du (líder do Diabos Mutantes), aí falei para ele que tinha interesse em suspender. Se não me engano, isso foi no final de 2012.

NA: O que é a suspensão corporal para você?

RN: Para mim é uma forma de testar meu corpo, conhecer meus limites, e de diversão também.

NA: Quais são as sensações (antes, durante e depois do ato)?

RN: São diversas sensações. Depende muito da *vibe* que você está no momento. Antes de subir, sempre tem uma expectativa muito grande; durante é uma adrenalina muito grande, e depois vêm as sensações de satisfação e relaxamento.

NA: Quais posições você já realizou?

RN: Por enquanto só realizei suspensões pelas costas e pelos joelhos.

NA: Fale um pouco sobre sua primeira experiência e como decidiu continuar em frente.

RN: A primeira foi bem tensa, porque não sabia como ia ser. No fim eu curti muito, por isso resolvi fazer mais vezes.

NA: Você realiza algum tipo de preparo (físico, psicológico) antes das suspensões?

RN: Apenas não me desgasto muito no dia anterior.

NA: O que você sente em relação aos ferimentos em cada suspensão? Como é essa relação com a dor para você?

RN: Em relação aos ferimentos, nada. Acredito que a dor é inevitável; é algo que todos nós precisamos superar.

NA: Quais são as suas principais motivações para realizar as suspensões corporais?
RN: Para mim as principais motivações são a adrenalina e a superação.

NA: Cada uma delas tem um sentido individual? Explique.
RN: Sim. Cada vez que me suspendo estou passando por alguma fase da minha vida. Isso me ajuda a refletir mais sobre tudo. Por esta razão, cada experiência tem uma tem uma importância diferente para mim.

NA: Quantas vezes você faz suspensão por semana/mês/ano? Se não existir uma regra de período, data, como vocês se organizam?
RN: Não me programo; faço quando tenho vontade.

NA: Como é sua vida normalmente e como concilia suas experiências de suspensão corporal? Há relação entre suas atividades diárias (trabalho, estudos) e a suspensão, por exemplo?
RN: Minha vida é normal; a suspensão é algo que tenho como complemento.

NA: Considera seu corpo um objeto ou ferramenta para a arte?
RN: Sim.

NA: Seu fascínio por essa técnica tem limite? Qual seria seu limite?
RN: Não sei exatamente, não penso em limites.

NA: Quais são os seus conhecimentos sobre as técnicas primitivas que deram origem à suspensão corporal? Você tenta, de alguma forma, representar os mesmos elementos dos rituais originais?
RN: Conheço a origem e tudo mais em relação a rituais, porem reproduzi-los não é meu objetivo quando me suspendo.

NA: Você acredita que, pelo fato de as suspensões hoje terem perdido as características rituais, perderam também o sentido para a realização ou as motivações são outras?
RN: Acho que os motivos vão de cada um; hoje em dia ainda tem pessoas que fazer suspensões ritualísticas; só depende de cada um.

NA: Durante a realização de uma suspensão, qual é a sua relação com as outras pessoas presentes no local?
RN: Relação de confiança com quem está executando a suspensão.

NA: Como e quando você passou a fazer parte do grupo Diabos Mutantes?
RN: Assim que fiz minha segunda suspensão, o Du me fez um convite para participar mais do grupo e acabei ficando até hoje. Isso foi no início de 2013.

NA: O que é, exatamente, a equipe para você?
RN: Somos amigos e gostamos de nos suspender juntos.

NA: Qual é sua relação com o grupo de pessoas que fazem parte do Diabos Mutantes?
RN: Minha relação é diferente com cada um. Tem pessoas que fazem parte do meu dia a dia e outras que encontro só às vezes. Em relação ao Du, tenho uma convivência diária porque trabalho no estúdio dele, mas, fora isso, também tenho uma relação muito boa de amizade fora do trabalho.

NA: Como você vê e qual acredita que seja a posição do Diabos Mutantes hoje dentro deste mundo?
RN: Acredito que somos reconhecidos pelo que fazemos.

NA: Qual relação você acredita (pessoalmente) que existe entre a comunidade ligada à modificação e à suspensão corporal?
RN: Acho que existe uma ligação muito grande pelo fato de que a suspensão está dentro da arte corporal. Porém, já vi muitos adeptos à suspensão que não são ligados diretamente às outras modificações corporais.